

MARIA DO SOCORRO LIMA

**PERCEPÇÃO DOS ALUNOS DA ESCOLA “JOSÉ
NASCIMENTO” SOBRE A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA
PARA A VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA**

Orientador: Marcelo Saturnino da Silva

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Instituto de Educação**

**Lisboa
2014**

MARIA DO SOCORRO LIMA

**PERCEPÇÃO DOS ALUNOS DA ESCOLA “JOSÉ
NASCIMENTO” SOBRE A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA
PARA A VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA**

Dissertação apresentada para obtenção do Grau de
Mestre em Educação, no Curso de Mestrado em
Ciências da Educação, conferido pela Universidade
Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Orientador: Prof. Doutor Marcelo Saturnino da Silva
Co-Orientador: Prof. Doutor Leonardo Rocha

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Instituto de Educação

Lisboa

2014

Lima, Maria do Socorro - Percepção dos alunos da Escola José Nascimento sobre a importância da escola para valorização da identidade negra.

*A educação é a arma mais poderosa
que você pode usar para mudar o
mundo.*

Nelson Mandela

Lima, Maria do Socorro - Percepção dos alunos da Escola José Nascimento sobre a importância da escola para valorização da identidade negra.

DEDICATÓRIA

A minha formação não teria sido concretizada sem a ajuda de meus amáveis e eternos pais, esposo e filhos que, no decorrer da minha vida, proporcionaram-me, além de extenso carinho e amor, apoio e dedicação. Por essa razão, gostaria de dedicar a vocês, minha eterna gratidão!

Maria do Socorro Lima

Lima, Maria do Socorro - Percepção dos alunos da Escola José Nascimento sobre a importância da escola para valorização da identidade negra.

AGRADECIMENTOS

A Deus, o meu agradecimento maior, porque têm sido tudo em minha vida.

Agradeço especialmente aos meus queridos pais, esposo e filhos, bem como a todos aqueles que direta ou indiretamente, contribuíram para a imensa felicidade que estou sentindo nesse momento.

A todos vocês, meu muito obrigado!

Maria do Socorro Lima

RESUMO

O tema desta dissertação é a relação entre escola e a construção de identidade étnica de uma comunidade rural [o sítio Domingos Ferreira] pertencente ao município de Tavares, no interior da Paraíba, Brasil. Buscou-se averiguar como a escola de ensino infantil e fundamental “José Nascimento”, situada no sítio Domingos Ferreira - município de Tavares/Estado da Paraíba - vem se colocando frente ao processo de reconhecimento da comunidade em questão, enquanto uma comunidade remanescente de quilombolas. A pesquisa foi norteadas pelas seguintes questões: Se a escola tem participado deste processo de reconhecimento? Que formas esta participação tem assumido? Quais os desafios que a escola tem encontrado na implementação de sua participação? Quais os resultados efetivos desta participação, ou, em outras palavras, qual a efetividade das ações implementadas? Como se percebe, a temática se insere na discussão sobre identidade cultural e multiculturalismo na escola, as quais vêm ganhando expressividade não apenas no âmbito educativo, mas no cenário público geral como consequência da emergência de novos sujeitos sociais, cujas demandas têm sido expressas a partir de um processo que antropólogos e outros cientistas sociais vêm denominando de reconversões identitárias ou etnogênese. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, amparada no método etnográfico. Como técnica de coleta de dados foram utilizadas entrevista semiestruturada com estudantes do Fundamental II (6ª a 8ª série) da referida escola, além da observação participante, com foco no projeto vivenciado anualmente pela comunidade escolar e cujo foco é a celebração do Dia 20 de Novembro, dia da Consciência Negra. Os dados apontam que, não obstante alguns limites, a escola vem contribuindo positivamente para o processo de valorização da identidade negra, favorecendo, sobretudo, o processo de afirmação desta mesma identidade.

Palavras chaves: Multiculturalismo, escola, identidade étnica.

ABSTRACT

The theme of this dissertation is the relationship between school and the construction of ethnic identity in a rural community [website Domingos Ferreira] belonging to the city of Tavares , inside of Paraíba , Brazil . We sought to determine how the school kindergarten and elementary "José Nascimento" , situated on the site Domingos Ferreira - City of Tavares / State of Paraíba - has been putting forward the recognition of the community in question while a remnant community of Maroons process. The research was guided by the following questions: If the school has participated in this process of recognition? What forms this participation has taken? What are the challenges that the school has encountered in the implementation of their participation? What are the actual results of such participation, or, in other words, what is the effectiveness of the actions implemented? As understood, the theme fits into the discussion about cultural identity and multiculturalism in schools, which have been gaining expression not only in the educational context, but the general public stage as a result of the emergence of new social subjects, whose demands have been expressed from a process that anthropologists and other social scientists have been calling for identity and ethnogenesis retrofits. This is a qualitative study, based on the ethnographic method. As a technique for data collection semistructured interviews with students of the Elementary II (6th to 8th grade) in this school were used, in addition to participant observation, focusing on the project experienced annually by the school community and whose focus is the celebration of the Day of Black Consciousness. The data indicate that, despite some limitations, the school has contributed positively to the process of recovery of black identity, favoring especially the process of affirmation of that identity.

Key words: Multiculturalism, school, ethnic identity.

ÍNDICE

Capítulo I – Introdução	12
1.1. Apresentação do objeto e justificativa	
1.2. Objetivos	18
1.3. Metodologia	
1.3.1. Tipo de Pesquisa	
1.3.2. Abordagem Filosófica	21
1.3.3. População e amostra	
1.3.4. Instrumento e Técnicas	22
1.3.5. Análise dos dados	
1.3.5.1. Análise Temática	23
1.4. Estrutura da Dissertação	25
Capítulo II - Identidade negra, comunidade quilombola e a Escola: Tecendo fios, desvendando tramas!	27
2. Para início de conversa	
2. 1. A questão da identidade	28
2.2. A identidade negra	32
2.3. A emergência de uma identidade negra: o caso das comunidades quilombolas.	34
2.4. A escola e a questão da identidade negra	36
Capítulo III - Apresentação e análise dos dados	45
3.1. Caracterização da área do Município	
3.2. Caracterização e sócio histórica do Sítio Domingos Ferreira	49
3.3. Caracterização da Escola "José Nascimento" - Locus da Pesquisa	51
3.4. Apresentação dos Entrevistados	52
3.4.1. Para além da cor ou sobre como os alunos se veem: autoimagem e preconceito no cotidiano dos estudantes	54
3.4.2. No espelho do outro: “eu não pertencço a este grupo racial”	56
3.4.3. A valorização da própria identidade	57
3.5. A escola e a identidade negra	58
3.5.1. O dia da consciência negra	59
3.6. A educação do olhar	67
3.6.1. A educação para a afirmação da identidade	68

Lima, Maria do Socorro - Percepção dos alunos da Escola José Nascimento sobre a importância da escola para valorização da identidade negra.

3.6.2. Desafios	69
Considerações Finais	72
Referências	74
Apêndices	i

Lima, Maria do Socorro - Percepção dos alunos da Escola José Nascimento sobre a importância da escola para valorização da identidade negra.

ÍNDICE DE GRÁFICOS

1. Gráfico 01 - População por faixa etária	47
2. Gráfico 02 - População por Lugar de Moradia	
3. Gráfico 03 - Corpo discente da Escola "José Nascimento"	52
4. Gráfico 04 - Entrevistados por sexo	53
5. Gráfico 05 - Entrevistados por faixa etária	
6. Gráfico 06 - Entrevistados por série	
7. Gráfico 07 - Entrevistados por etnia	54

Lima, Maria do Socorro - Percepção dos alunos da Escola José Nascimento sobre a importância da escola para valorização da identidade negra.

ÍNDICE DE FIGURAS

1. Figura 01 - Localização do Município	45
2. Figura 02 - Cartaz da Escola "José Nascimento"	60

Lima, Maria do Socorro - Percepção dos alunos da Escola José Nascimento sobre a importância da escola para valorização da identidade negra.

ÍNDICE DE FOTOGRAFIAS

1. Fotografia 01 – Comemoração “Dia da Consciência Negra” – 2011 – Escola José Nascimento	61
2. Fotografia 02 – Comemoração “Dia da Consciência Negra” – 2011 – Escola José Nascimento	62
3. Fotografia 03 – Comemoração “Dia da Consciência Negra” – 2012 – Escola José Nascimento	
4. Fotografia 04 – Comemoração “Dia da Consciência Negra” – 2012 – Escola José Nascimento	63
5. Fotografia 05 – Apresentação do projeto: “Penteados afros: cultura, identidade e profissão” – Escola José Nascimento, 2012.	64
6. Fotografia 06 – Apresentação do projeto: “Penteados afros: cultura, identidade e profissão” – Escola José Nascimento, 2012.	65
7. Fotografia 07 – Apresentação do projeto: “Penteados afros: cultura, identidade e profissão” – Escola José Nascimento, 2012.	66

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

1.1. Apresentação do objeto e justificativa

O tema desta dissertação é a relação entre escola e a construção de identidade étnica de uma comunidade rural [o sítio Domingos Ferreira] pertencente ao município de Tavares, no interior da Paraíba, Brasil.

Sabe-se que a sociedade brasileira foi historicamente formada pelo encontro de três matrizes étnicas: indígena, europeia e africana. Quando da chegada dos europeus no território brasileiro, o indígena já há muito tempo habitava essas terras. Quanto às populações africanas sua entrada no território fez-se sob o signo da escravidão que perdurou do século XVI até o século XIX, com a promulgação da lei áurea, precisamente, em 13 de Maio de 1888. Durante a vigência da escravidão, muitos negros conseguiam fugir das fazendas refugiando-se em locais bem escondidos no meio das matas. Tais locais ganharam a denominação de “quilombos”, dentre os quais, o mais famoso foi o “Quilombo de Palmares”. Situado numa área onde atualmente fica a divisa entre os Estados de Pernambuco e Alagoas e liderado por Zumbi dos Palmares, este quilombo transformou-se em símbolo de resistência do povo negro à escravatura.

Embora o termo “remanescente” faça alusão a *um resto*, ao que sobrou de algo, não se trata de um simples resquício dos antigos quilombos, mas de um grupo social cuja identidade está firmada em um território, bem como na descendência e na história e cultura partilhadas. Nas palavras de Benatti *apud* Trecanni (2006, p.89) as comunidades remanescentes de quilombos são,

coletividades que constituíram sua história baseada numa cultura própria, que foi transmitida e adaptada em cada geração (...) não foram compostas somente de escravos (...). Os membros se identificam entre si como pertencentes a esse grupo e que compartilham de certos elementos e ações culturais (...) num determinado território em comum.

Por muito tempo, tais comunidades viveram na invisibilidade, inclusive como forma de resistência, no entanto, a partir da constituição de 1988, e como resultado do movimento negro o Estado brasileiro reconhece a dívida social para com a população negra, passando a reconhecer oficialmente vários direitos às comunidades remanescentes de quilombos, tais como a propriedade de seu território e a preservação e promoção de sua cultura e identidade. Para tanto se faz necessário, por parte dos grupos sociais interessados, que se reconheçam e sejam reconhecidos oficialmente como comunidades remanescentes de quilombos a fim de virem a gozarem dos direitos previstos constitucionalmente; vindo, inclusive, a serem sujeitos de várias políticas públicas atualmente vigentes e direcionadas para tais comunidades.

O processo de reconhecimento das comunidades remanescentes de quilombos é articulado pela Fundação Cultural Palmares (FCP). Dessa forma, as coletividades que se autoidentificarem como remanescentes de quilombos devem, inicialmente, enviar ao escritório da FCP mais próximo geograficamente, um pedido de abertura de processo administrativo para reconhecimento e inclusão no cadastro da referida entidade – FCP -.

Uma vez de posse da certidão da FCP, a coletividade interessada poderá então dar entrada ao processo para regularização fundiária da terra, o qual é feito pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA. É ainda com a referida certidão que a comunidade Domingos Ferreira por políticas públicas direcionadas especificamente para as comunidades remanescentes de quilombos.

Não se pode perder de vista o fato de que por muito tempo os grupos sociais remanescentes dos quilombos eram invisíveis para os formuladores de políticas públicas, ademais, ser negro nesse país equivalia unicamente a ser vítimas de preconceitos e maus tratos, sendo os mesmos considerados uma subespécie de cidadãos. Nesse sentido, o processo de reconhecimento das comunidades remanescentes de quilombos uma vez que tais comunidades fortemente influenciadas a negarem suas raízes étnicas, se veem de repente interpeladas a assumirem estas mesmas raízes. Nesse sentido, todo processo de auto-reconhecimento por parte das comunidades remanescentes de quilombos é

Lima, Maria do Socorro - Percepção dos alunos da Escola José Nascimento sobre a importância da escola para valorização da identidade negra.

concomitantemente um processo educativo, por meio do qual as pessoas e coletividades aprendem se auto-reconhecerem em suas singularidades étnicas e culturais, se reinventando nesse processo.

Tratando de uma comunidade específica, a saber, a comunidade do sítio Domingos Ferreira, localizada no município de Tavares, Estado da Paraíba – Brasil que atualmente vivencia o processo de auto-reconhecimento enquanto comunidade remanescente de quilombos, o presente trabalho buscou averiguar como a escola de ensino infantil e fundamental “José Nascimento”, situada na referida comunidade vem se colocando frente ao já citado processo de reconhecimento da comunidade em questão enquanto uma comunidade remanescente de quilombolas.

A pesquisa foi norteadada pelas seguintes questões: Se a escola tem participado deste processo de reconhecimento? Que formas esta participação tem assumido? Quais os desafios que a escola tem encontrado na implementação de sua participação? Quais os resultados efetivos desta participação, ou, em outras palavras, qual a efetividade das ações implementadas?

O interesse pela temática tem sua razão de ser no fato de que além de residir na comunidade em questão, participo da Associação de Apoio Rural e Sustentável do Domingos Ferreira, a qual, atualmente, como resultado do processo de conversão identitária, passou a ser denominada de Associação de Remanescentes de Quilombo do Domingos Ferreira.

Como membro da diretoria da referida associação fui uma das pessoas que esteve a frente desse processo de reconversão identitária, já que o mesmo teve início por iniciativa da associação.

Vale ressaltar também que faço parte, desde os anos de 1990, do conjunto de professores da Escola José Nascimento. Assim é que iniciado o processo de auto-reconhecimento ou definição, foi formada uma comissão, incumbida de mostrar as vantagens do auto- reconhecimento e, posteriormente, do reconhecimento oficial enquanto comunidade remanescente de quilombolas. É através dessa comissão, da qual eu também

Lima, Maria do Socorro - Percepção dos alunos da Escola José Nascimento sobre a importância da escola para valorização da identidade negra.

fazia parte, que a discussão sobre a identidade étnica chegou até a escola. Iniciamos um processo de conscientização dos professores, alunos e pais de alunos, sobre as vantagens e as fases do processo de auto-reconhecimento. A partir dessas reuniões a referida escola foi se integrando enquanto parceira da associação e, nesse contexto, um conjunto de novas atividades e temas começaram a emergir no espaço escolar: celebrações de algumas datas especiais: folclore, dia da consciência negra, projetos didático pedagógico etc.

Como se percebe, a temática se insere na discussão sobre identidade cultural e multiculturalismo na escola, as quais vêm ganhando expressividade não apenas no âmbito educativo, mas no cenário público geral, como consequência da emergência de novos sujeitos sociais (SADER, 2001) cujas demandas têm sido expressas a partir de um processo que antropólogos e outros cientistas sociais vêm denominando de reconversões identitária ou etnogênese, entendido como

Uma mobilização das comunidades negras rurais, que gradativamente vivenciam processos de retomada de suas identidades quilombolas, o que significa se auto-afirmarem como grupo negro e reivindicarem o pertencimento a um determinado território e o reconhecimento por seus direitos enquanto grupo étnico (ASSUNÇÃO, 2006)

A autora em destaque realça que tal processo tem sua origem na constituição de 1988 que sinalizou, em seu artigo 68, para a possibilidade do reconhecimento dos direitos para os descendentes dos africanos e dos grupos indígenas. Trata-se, como se percebe, do reconhecimento de uma dívida social que a sociedade brasileira teria em relação à etnia negra, dentre outras, cujos antepassados foram trazidos da África como escravo para a grande *plantation*.

A partir da promulgação da referida constituição, emergem, na sociedade brasileira vários grupos sociais reclamando uma identidade étnica diferenciada em relação aos demais, com destaque para os remanescentes de quilombos e os grupos então “ditos” indígenas.

De acordo com Leite (s/d: p. 05), são dois os procedimentos estabelecidos pelos códigos legais do país, visando “a efetivação dos direitos socialmente reconhecidos aos membros da comunidade quilombolas”, a saber:

- a) A instauração de um procedimento administrativo tendo como interlocutor a Fundação Cultural Palmares, visando identificar os remanescentes das comunidades quilombolas e cujo resultado é a inscrição da comunidade no Cadastro Geral de Remanescentes das Comunidades Quilombolas e a emissão do Certificado de Auto definição como Remanescentes de Quilombos;
- b) Instauração de outro procedimento administrativo, desta vez, no INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, visando “identificar, reconhecer, delimitar, demarcar e titular as terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos” (LEITE, s/d, p. 06)

O reconhecimento pelo Estado implica um anterior auto reconhecimento por parte dos membros das comunidades “quilombolas” e é aqui que entra grande parte da questão, pois como se sabe, a identidade negra no Brasil foi social e historicamente marcada, vista, percebida em termos negativos. Conforme enfatizado por Silva (2000 p.81), tanto a identidade quanto a diferença resultam das produções simbólicas e discursivas, se constituindo enquanto uma relação social mediada pelo poder e tendo como objetivo último garantir o acesso aos bens materiais e simbólicos. Nas palavras do autor:

A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais. A identidade e a diferença estão, pois, em estreita relação com relações de poder (SILVA, 2000, p. 81).

O autor acima chama atenção também para o fato de que pensar a identidade e a diferença implica em pensar como tanto uma quanto outra são representada, já que é por meio da representação que a identidade e a diferença passariam a existir. Dessa forma, basta pensarmos como a identidade negra foi sendo historicamente pensada/representada na sociedade brasileira, isto é, como alguém inferior, bárbaro, incivilizado, para nos darmos conta dos desafios que cercam e comprometem o processo de auto-reconhecimento étnico de uma dada comunidade, sobretudo quando se consideram seus elementos mais juvenis.

Para Hall, a identidade surge da falta de elo, que seria preenchida a partir do nosso exterior, isto é, “pela forma a através da qual nós imaginamos ser vistos pelos outros”

(HALL, 2002 p. 30) Nesse sentido cabe igualmente resgatar como o negro foi historicamente visto pelo seu “outro”, nesta pátria grande, Brasil?

E é precisamente aqui que encontramos o elo visível que poderia ser tecido entre a escola e a comunidade, especificamente nos casos em que a primeira se situa numa comunidade em processo de auto-reconhecimento de sua identidade negra.

Num contexto como esse, caberia à escola ser transformada num espaço privilegiado para tentar sensibilizar a comunidade através dos discentes, enfocando o caráter de construção social para a identidade e a diferença, pois a construção se faz sempre a favor e contra alguém, o que demandaria tratar a identidade e a diferença como produção da escola e não como problemas no processo da identidade dos remanescentes de quilombos.

Se pensarmos que a educação, em última instância pode ser considerada como um processo de disseminação de novas formas de ser, de fazer e de conviver (BRANDÃO, 2002) poderíamos colocar como tarefa de uma escola inserida numa comunidade em processo de auto-reconhecimento étnico, o questionamento sobre os locais históricos e as instituições específicas, em outras palavras, sobre as estratégias discursivas histórica e socialmente empregadas pela sociedade brasileira para pensar/representar a identidade negra. O que implicaria num exercício de educação do olhar visando torná-lo capaz de perceber que negro é este que se encontra nos meios de comunicação social (novelas, jornais, filmes etc.) e que permeia o imaginário popular fundamentando crenças, valores e atitudes negadores de nossa humanidade. Ainda nas palavras de Silva (2000, p. 100):

Uma política pedagógica e curricular da identidade e da diferença tem a obrigação de ir além das benovelentes declarações de boa vontade para com a diferença. Ela tem que colocar no seu centro uma teoria que permita não simplesmente reconhecer e celebrar a diferença e a identidade, mas questioná-las.

Trata de pensar a escola como um local onde a identidade e a diferença podem imergir serem questionadas e muito mais: um local onde outras representações que não as oficiais sobre a identidade a diferença podem encontrar espaços para crescerem e

Lima, Maria do Socorro - Percepção dos alunos da Escola José Nascimento sobre a importância da escola para valorização da identidade negra.

frutificarem, o que demanda a inserção dos sujeitos-discentes em práticas de construção de outras representações sobre as suas próprias identidades.

1.2. Objetivos:

‘Meu objetivo geral consistiu em averiguar como a identidade negra vem sendo trabalhada na escola municipal José Nascimento, no município de Tavares – PB, buscando analisar a contribuição da escola para a reconstrução identitária dos alunos em uma comunidade remanescente de quilombos.

Os objetivos específicos foram os seguintes:

- a) Analisar as ideias e os valores que circulam no âmbito da escola sobre a identidade quilombola e seus derivados: negro, negritude, afro etc.;
- b) Identificar as formas pelas quais a escola vem trabalhando a questão da identidade quilombola
- c) Identificar a presença ou ausência, na escola, de discussões sobre a identidade étnica na sala de aula e no ambiente escolar;

1.3. Metodologia

1.3.1. Tipo de Pesquisa:

A escolha da metodologia constitui-se um dos pontos centrais da realização da pesquisa. Escolha essa que depende da realidade a ser estudada e na forma de se proceder no recorte do fenômeno em questão, já que essa etapa nunca está destituída de impasses e dúvidas. Pois cabe ao pesquisador “escolher” quais os meios que serão necessários para se apreender o objeto de estudo. Nesse sentido, a busca de instrumentos e técnicas adequadas torna-se basal no desenvolvimento de qualquer investigação. Para

Lima, Maria do Socorro - Percepção dos alunos da Escola José Nascimento sobre a importância da escola para valorização da identidade negra.

Minayo e Sanches (1993, p.239), “um bom método será sempre aquele, que permitido uma construção correta dos dados, ajude a refletir sobre a dinâmica da teoria”.

Mas, por si só a metodologia não consegue dar respostas, propor soluções para as questões científicas levantadas, contudo possibilita o uso de elementos aptos à captação do fenômeno a ser desvelado. Demo (1997) afirma que só tem sentido pesquisar aquilo que não se conhece, sobre aquilo em que pairam dúvidas.

E a pesquisa qualitativa seria, então, uma forma de aproximação de uma realidade cujas questões fogem à quantificação, como um universo de significados, processos e fenômenos não reduzíveis a operacionalização de variáveis. Minayo (1993) é categórica ao afirmar que o objeto das ciências sociais é essencialmente qualitativo.

A metodologia qualitativa só pode ser empregada para a compreensão de fenômenos específicos e delimitáveis mais pelo seu grau de complexidade interna do que pela expressão quantitativa (Minayo & Sanches, 1993). A quantidade é então substituída pela dimensão na imersão do fenômeno a ser compreendido. O uso da “metodologia qualitativa” justifica-se por sua preocupação não repousar na representatividade numérica do grupo pesquisado, mas no aprofundamento da compreensão do objeto de estudo (Goldenberg, 1997).

Na abordagem qualitativa, o pesquisador é o primeiro instrumento na obtenção das informações, envolvendo-se diretamente com as mais diversas etapas do estudo, permitindo a investigação de todo o acontecimento, em meio ao contexto natural. Ludke e André (1986, p.05) afirmam que:

Como veículo inteligente e ativo entre esse conhecimento acumulado na área e as novas evidências que serão estabelecidas a partir da pesquisa [...] Não há, portanto, possibilidade de se estabelecer uma separação nítida e asséptica entre o pesquisador, o que ele estuda e os resultados.

Chizzotti (2005, p. 79), também aponta a indissociabilidade entre o pesquisador e participante na pesquisa qualitativa, ao afirmar que:

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo interdissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações.

A abordagem qualitativa, em função da natureza do estudo, admite a exploração do fenômeno a ser pesquisado por meio da pesquisa-ação, permitindo maior envolvimento com os sujeitos da pesquisa. A pesquisa-ação ordena a prática e o conhecimento entre participantes e pesquisadores, justificando o que afirmam Bruyne, et. ali. (1982, p. 239), quando observam que, “o objetivo da pesquisa não está especificado definitivamente no início e não permanece absolutamente constante do começo ao fim: a pesquisa descobre progressivamente as questões que a orientam...”.

Para Thiollent (2004), a pesquisa-ação se caracteriza como um tipo de pesquisa social com base empírica, que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

A autora ainda enfatiza que os objetivos da pesquisa-ação são de duas ordens: a primeira, de ordem prática, é contribuir para melhor equacionamento do problema considerado como central na pesquisa, com levantamento de soluções, com vista a auxiliar o agente na sua atividade transformadora da situação; a segunda de ordem de conhecimento é obter informações que seriam de difícil acesso por meio de outros procedimentos, aumentando o conhecimento de determinadas situações.

Entende-se que uma proposta dessa natureza traz implícita a colaboração entre o pesquisador e os sujeitos envolvidos na investigação tornando necessário, por parte do pesquisador, recorrer a métodos que garantam a caracterização dos participantes no desenvolvimento das ações a serem concretizadas. Conforme Minayo (1994 p. 21),

[...] a pesquisa qualitativa responde as questões particulares. [...] ela trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalização das variáveis.

1.3.2. Abordagem Filosófica:

A pesquisa se fundamentou na abordagem fenomenológica, cuja preocupação é descrever o fenômeno, não explicá-lo; é compreendê-lo, não achar relações causais. Somente uma descrição rigorosa do fenômeno permite a compreensão do ser humano em seu cotidiano vivencial. Assim, a reflexão fenomenológica inclui a possibilidade de olhar as coisas como elas se manifestam.

Para uma melhor compreensão do campo de pesquisa, utilizei o método etnográfico, o qual consiste em compreender o modo de vida das pessoas ou grupos, na sua própria perspectiva. Assim sendo, envolve estudo disciplinado e sistemático, mediante a observação, o detalhamento, a descrição, documentação e análise do estilo de vida ou padrões específicos de uma cultura. (MINAYO, 1993).

1.3.3. População e amostra:

Foi aplicado o instrumento de investigação (questionários), no qual contém questões subjectivas, as quais foram respondidas por adolescentes e jovens, regularmente matriculados no Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) da escola José Nascimento da Silva. Ao todo, foram aplicados 83 questionários, entre os estudantes do 6º ao 9º ano, na faixa etária de 11 a 17 anos. Inicialmente a intenção era aplicar o instrumento a todos os agentes da escola, no entanto, conforme fui avançando na pesquisa de campo (observação participante) decidi restringir a aplicação dos questionários aos alunos, haja vista que saber o que pensa os estudantes sobre o papel da escola no âmbito do processo de auto

Lima, Maria do Socorro - Percepção dos alunos da Escola José Nascimento sobre a importância da escola para valorização da identidade negra.

reconhecimento da comunidade enquanto comunidade remanescente de quilombos por si só já se constituía como um grande empreendimento de pesquisa.

1.3.4. Instrumentos e Técnicas

A coleta de dados foi realizada com o auxílio de dois instrumentos metodológicos: a observação participante e um questionário contendo questões abertas. A primeira se realiza por meio do contato direto do pesquisador com o fenômeno estudado, pelo qual se mantém a presença do observador numa situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador está em relação face a face com os observados e, ao participar da vida deles, no seu cenário cultural, colhe os dados. Assim o observador é parte do contexto sob observação, ao mesmo tempo modificando e sendo modificado por este contexto. (MINAYO, 1994).

Quanto ao segundo instrumento, com questões subjectivas, tal qual a entrevista, é destinado a fornecer informações pertinentes para o objeto da pesquisa (MINAYO, 1994). Embora estruturado com questões abertas, o questionário utilizado trazia também um conjunto de perguntas que permitiram traçar um perfil dos entrevistados. Quanto às questões abertas, a ideia era possibilitar a emergência de um conjunto de sistemas, valores, normas, símbolos, além de expor os aspectos históricos, socioeconômicos e culturais de grupos específicos, permitindo apreender questões subjetivas (MINAYO, 2004).

1.3.5. Análise dos dados

Para análise dos dados utilizei a análise de conteúdo, a qual tem sido amplamente empregada no tratamento de dados em pesquisas sociais. Bardin (1977) preconiza-a como um conjunto de técnicas de análise de comunicação cujo objetivo, através de procedimentos sistemáticos, é descrição do conteúdo das mensagens, fazendo uso de indicadores

(quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens.

Por meio dessa análise é possível a descrição sistematizada do conteúdo manifesto das comunicações com a finalidade de interpretá-los, utilizando-se de princípios oriundos das teorias comunicacionais, intentando relacionar estruturas semânticas (significantes) com estruturas socialmente construídas (significados) dos enunciados.

Este procedimento metodológico de análise pode ser considerado como um processo ininterrupto na construção de indicadores que se organizam em torno de unidades de sentido, de acordo a interpretação proposta pelo pesquisador e frente ao seu referencial teórico. Esses corpus se formam dentro de categorias a partir da integração de um conjunto diverso e, às vezes, contraditório dos indicadores em uma nova dimensão explicativa, sem com isso precisar reduzir o conteúdo a categorias concretas restritivas. Através da análise de conteúdo pode-se avançar na construção de novas categorias empíricas e reconstruir as categorias analíticas apresentadas em outras pesquisas apontadas.

Umas das técnicas específicas da análise de conteúdo é a *análise temática*, cuja finalidade consiste na codificação, categorização e agrupamento temático. No entanto, no presente estudo, não se priorizou a exaustiva categorização dos sujeitos em categorias estagnadas, definidas a priori ou no decorrer da pesquisa.

1.3.5.1. Análise Temática

A realização da análise temática esta ligada à noção de *tema*. Para Bardin (1977) o tema é a unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura. Assim, realizar análise temática consiste em descobrir os *núcleos de sentido* que compõem uma comunicação cuja presença e/ou frequência signifiquem para o objetivo analítico visado. A análise temática, como lembra Minayo (1993), pode ramificar-se por dois caminhos: tradicionalmente, se direciona para a contagem de frequências das unidades de significação como definitórias do caráter

do discurso; ou, ao contrário, qualitativamente a presença de temas denotativos de valores de referência e os modelos de comportamento presentes nos discursos.

A operacionalização da técnica acontece em três etapas inter-relacionadas:

a) *A Pré-Análise*

Refere-se à escolha dos materiais a serem analisados, retomada dos objetivos iniciais da pesquisa, reformulando-os frente aos dados coletados, e na elaboração de indicadores que orientem a interpretação final. No caso do presente estudo, o material da pré-análise foram os 83 questionários aplicados junto aos estudantes do 6º ao 9º ano da escola que serviu de material ou corpus do presente estudo.

Para Minayo (1993) esta fase compõe-se dos seguintes passos: *leitura flutuante*, que consiste numa leitura exaustiva do material. Para Bardin (1977), é nessa fase que se deixa invadir pelas primeiras impressões com os documentos a serem analisados, *constituição do corpus*, organização do material de modo que possa responder, numa articulação entre os dados teóricos e empíricos da pesquisa, a algumas normas de validade, tais: *exaustividade*, contemplação de todos os aspectos levantados no roteiro; *representatividade*, que possua a representação do universo a ser pesquisado; *homogeneidade*, os documentos, as técnicas e os interlocutores devem obedecer a critérios precisos de escolha; *pertinência*; os documentos analisados devem ser adequados ao objetivo da investigação; *formulação de objetivos*, por entender que a realidade não se apresenta de forma estática, sendo então preciso que novas questões sejam levantadas no decorrer do processo, além daquelas que foram, flexivelmente, estabelecidas no início da análise (Minayo, 1993; Bardin, 1977).

b) *Exploração do Material*

Esta etapa consiste basicamente na operação de codificação. Após a retomada do material categorizado, buscou-se a transformação destes dados em núcleos de compreensão. Tratando assim, de uma codificação que visasse à transformação dos dados brutos do texto, de modo que permita alcançar uma representação do conteúdo ou o núcleo de compreensão do texto. Nessa fase do tratamento do material, realizou-se, primeiramente um recorte do texto em unidades de registro (palavra, frase, tema, personagem

Lima, Maria do Socorro - Percepção dos alunos da Escola José Nascimento sobre a importância da escola para valorização da identidade negra.

acontecimento, etc.) seguido da classificação e agregação das informações e, então, escolheu-se a categorização ou teorias empíricas que comandariam a especificação dos temas (Minayo, 1993; Bardin, 1977). Nessa fase foram obtidos os seguintes núcleos de compreensão:

- Presença da discriminação e do preconceito no cotidiano;
- Autoimagem dos estudantes;
- Valorização dos traços étnicos;
- A temática étnica na escola e na sala de aula;
- Avaliação do tratamento dado a questão étnica na escola e na sala de aula.

c) *Tratamento dos resultados obtidos*

Nessa fase interpretativa, procurou-se desvelar o conteúdo implícito das comunicações, orientado pelo referencial teórico. Para Bardin (1977, p.101) é uma etapa onde “os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos e válidos”.

Assim, os materiais foram submetidos à operacionalização analítica que possibilitou a relevância das informações obtidas. Tal como pontua Minayo (1993), embora se trate de uma técnica para tratamento de dados qualitativos, não se devem excluir as informações estatísticas, mas, deve-se centrar a atenção em aspectos como ideologias, tendências e outras características relativas ao fenômeno que se está investigando.

1.4. Estrutura da Dissertação

A dissertação está organizada em três capítulos. O primeiro de natureza introdutória, contendo a apresentação do objeto de estudo bem como dos motivos que levaram a pesquisadora à escolha do mesmo. Apresenta, ainda, os objetivos da pesquisa e a metodologia empregada.

O segundo capítulo, de caráter teórico, traz as discussões teóricas dos principais conceitos utilizados no trabalho, a saber: identidade cultural, com destaque para identidade

Lima, Maria do Socorro - Percepção dos alunos da Escola José Nascimento sobre a importância da escola para valorização da identidade negra.

quilombola e o papel da educação escolar para a emergência de uma postura valorativa desta mesma identidade.

Por fim, no terceiro capítulo caracterizo o município, a comunidade rural e a escola nos quais a pesquisa foi desenvolvida e, em seguida, apresento a análise dos dados coletados.

Ao terceiro capítulo seguem-se as considerações finais e as referências bibliográficas utilizadas no presente estudo.

CAPÍTULO II

IDENTIDADE NEGRA, COMUNIDADES QUILOMBOLAS E A ESCOLA: TECENDO FIOS, DESVENDANDO TRAMAS!

2. Para início de conversa

Neste capítulo pretendo discorrer sobre a temática da identidade, focalizando, sobretudo, a questão da identidade quilombola e sobre o papel da escola na construção dessa identidade.

Trata-se de compreender como a temática da identidade vem sendo abordada nos dias atuais, quando a mesma perde suas características de atemporalidade e de essencialidade, passando a ser entendida em sua natureza social e histórica.

Num segundo momento, será abordada uma identidade específica, isto é, a identidade quilombola, a qual é entendida enquanto resultado de processos históricos e social que refletem-se no âmbito legal e que estão relacionado a emergência de um novo olhar sobre os grupos historicamente marginalizados: índios, negros, homossexuais, mulheres etc.

Por fim, tratar-se-á da temática da escola e como tal instituição vem se colocando no âmbito desse processo. Ou seja, trata-se de interrogar o papel que a educação e, conseqüentemente, a escola vem desempenhando no interior desse processo de construção de novas identidades sociais.

A reflexão aqui desenvolvida é assentada nas contribuições teóricas de autores diversos, dentre os quais merece destaque: Stuart Hall (2002) e Andrea Semprini (1999), Tomaz Tadeu da Silva (2000), Gomes (2002), Peter McLaren (1987) dentre outros.

2.1. A questão da identidade

O tema da identidade está em alta, sobretudo devido a emergência de novas identidades, processo este relacionado à afirmação de identidade mediante a enunciação da diferença por grupos sociais assimetricamente situados, a exemplo, dos afro-descendentes e indígenas, os quais mediante estes processos identitários buscam garantir acesso a bens sociais (materiais e simbólicos) dos quais foram historicamente alijados, tais como a terra, o reconhecimento etc.

Historicamente a questão da identidade foi abordada de formas diferenciadas e, para termos uma idéia dos vários sentidos que o termo foi assumindo ao longo dos anos, vale à pena, mesmo que de forma geral, passar em revista as formas pelas quais a identidade foi pensada ao longo da história.

Para Hall (2002) a noção de identidade remete-se a idéia de sujeito, podendo ser mapeada três versões sobre o termo, a primeira, herdeira do iluminismo, a segunda da sociologia/psicanálise e, a terceira, desses tempos de modernidade tardia (GIDDENS, 1991) ou pós-modernidade (HALL, 2002).

Para os iluministas, o sujeito ou a pessoa humana é o indivíduo totalmente centrado, uno, dotado de capacidade de violência, de consciência e de ação.

Esse núcleo do sujeito (alma, para os cristãos, razão para os iluministas) seria um caractere inato, algo que o indivíduo já nasceria portando, donde a idéia de essência humana que vai desembocar na idéia de dignidade humana.

Este sujeito do iluminismo é o sujeito branco e dominador dos cristãos, aquele que fora criado segundo a imagem e semelhança de Deus e que, por isso mesmo, seria o senhor do mundo, chamado a dominar desde os peixes do mar, até as aves do céu. Sujeito racional, em Descartes (1973) (Penso, logo existo), e que sendo racional não admite sua dimensão irracional, do sonho, da poesia, da loucura.

Este sujeito do Iluminismo é produto da modernidade, entendida como um processo de emancipação do sujeito em relação às tradições e as estruturas.

Que fatos respondem por uma fissura nessa concepção de sujeito? Vejamos:

Para Hall (2002) tanto a Sociologia quanto a Psicanálise estariam na base de uma ruptura com esta noção unitária do sujeito. De que forma? Começemos com a Sociologia.

Durkheim (2008) Para este sociólogo francês, nascemos indivíduo, mas é apenas pela participação numa sociedade particular, via processo de socialização que nos tornamos seres sociais. Ou seja, o homem seria resultado não apenas daquelas tendências que ele traz inatas em seu ser, mas principalmente, da sociedade e dos grupos sociais nas quais se encontra inseridos desde o momento em que chega ao mundo.

Na obra “As regras do método sociológico”, Durkheim (2008), referindo-se aos fatos sociais, advoga a ideia de que é pelo processo de educação, entendido pelo sociólogo de forma ampla, que os indivíduos se tornam seres sociais, para ele, com efeito, a educação tem exatamente a função de “formar o ser social”

Marx (2007) Igualmente a Durkheim Marx preconiza que o ser humano não nasce com uma essência, mas ao contrário, a constrói durante sua existência. Como dirá Sartre, no Marxismo a existência já precedia a essência, primeiro existimos e só depois somos. Como isso se dá. Ora para Marx, o trabalho é a protoforma, a forma primária do ser social, é pelo trabalho que o homem transforma a natureza visando à satisfação de suas necessidades físicas e espirituais, mas ao transformar a natureza o homem igualmente transforma-se a si mesmo. Tal idéia desenvolvida em “O Capital”, já estava presente, por exemplo, na “A Ideologia Alemã”, texto escrito em 1848 e na qual, juntamente com Engels, o autor em destaque anota que:

A maneira como os indivíduos manifestam sua vida reflete exatamente o que eles são. O que são coincide, pois, com sua produção, isto é, tanto com o que eles produzem quanto com a maneira como produzem. O que os indivíduos são depende, portanto, das condições de sua produção (MARX; ENGELS, 2007, p. 11).

Nessas concepções aqui examinadas a identidade seria produto da sociedade e da história, resultado, portanto, da interação eu-outro, assim, o sujeito, embora ainda seja concebido portando um núcleo ou essência, este seria formado na interação “eu-outro” (HALL, 2002).

Ainda para Hall (2002) outro pilar que abalou a estrutura da noção de sujeito iluminista foram os trabalhos de Freud (2007) e Lacan na psicanálise. O primeiro cuja teoria sobre a estrutura da personalidade, permitiu abalar a noção de um sujeito racional. Com efeito, para Freud (2007: p. 37), nossos pensamentos e atos mais racionais são determinados por nossa parte irracional (o id). A idéia de um conflito entre o “id” (princípio do prazer) e o “ego” (princípio da realidade), por sua vez, contribuiu para desalojar a noção de um sujeito centrado e unificado, já que este tal como se apresenta na teoria freudiana seria marcado por uma decisão interna, assim o sujeito, longe de ser centrado era antes dividido, como diria o poeta brasileiro Ferreira Gullar (2004, p.168):

Uma parte de mim
É todo mundo,
Outra parte é ninguém,
Fundo sem fundo.
Uma parte de mim
É multidão
Outra parte estranheza,
Solidão.
Uma parte de mim,
Almoça e janta
Outra parte
Si espanta
Uma parte de mim
É permanente
Outra parte se sabe
Diferente
(...)

Lacan (1966: p.98), por sua vez, aprofundando o pensamento freudiano, vai debruçar-se sobre a formação do “eu” ou da identidade e vai mostrar como o “olhar” do outro se torna fundamento dessa formação da auto identidade.

A identidade só existe no espelho e este espelho é o olhar dos outros. É o reconhecimento dos outros. É a generosidade do olhar do outro que nos devolve nossa própria imagem ungida de valor, envolvida pela aura

da significação humana, da qual a única prova é o reconhecimento alheio. Nós nada somos e valem nada se não contarmos com o olhar alheio acolhedor, se não formos vistos, se o olhar do outro não nos recolher e salvar da invisibilidade. (ATHAYDE; BILL; SOARES, 2005, p. 206)

Nesse sentido, diz-nos Hall, ao invés de falar de identidade seria mais produtivo falarmos em processos de identificação. Hall (2002) chama ainda a atenção para o fato de que, nesta perspectiva sociológica, a identidade resulta de uma “falta de inteireza” a qual seria preenchida a partir de nosso exterior e através de nossas identificações.

Com a Globalização, mais também a partir de outras influências além de Marx, Freud e Lacan, uma nova concepção de identidade se delineia, trata-se da identidade pensada a partir da pós-modernidade. Que identidade é esta?

Trata-se de um sujeito descentrado, conectado com seu lado irracional (desejos, sonhos, arte, sexualidade etc.), sujeito híbrido. Com a pós-modernidade a identidade deixa de ser UNA e passa a ser múltipla, sendo possível para um mesmo sujeito acessar várias identidades em períodos e tempos distintos.

Esse acesso a várias identidades, muitas delas, inclusive, conflitante, será determinado pelos projetos pessoais dos sujeitos e, também, pelo contexto. Nas palavras de Hall (2002, p. 12): “o sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável está se tornando fragmentado, composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias e não resolvidas”.

Essa noção pós-moderna da identidade nos interessa na medida em que nos permite ficar atentos para as múltiplas identidades negociadas no espaço da escola e da sala de aula, bem como para os contextos nos quais a identidade negra é recusada ou assumida no espaço escolar.

2.2. A Identidade Negra

Oliveira (2004) chama a atenção para o fato de que o Brasil é um país mestiço, isto é, constituído por uma mistura de etnias diferentes cujo encontro foi “provocado” por processos sociais marcados pela violência e colonização dessas terras grandes que subjugou o elemento indígena e pela exploração do trabalho escravo que favoreceu o desenraizamento forçado do elemento africano, obrigado a deixar suas raízes, em condições a mais deletérias possíveis e vir irrigar com seu suor, seu sangue e sua própria vida as terras desta nação, sendo excluído de qualquer participação no resultado de seu trabalho.

Partindo desses dados, a autora chama nossa atenção para o fato de que a identidade étnica não implica a cor do pigmento epitelial, mas antes o pertencimento a um determinado grupo.

Em suas palavras:

Identidade racial/étnica é o sentimento de pertencimento a um grupo racial ou étnico, decorrente de construção social, cultural e política. Ou seja, tem a ver com a história de vida (socialização/educação) e a consciência adquirida diante das prescrições sociais raciais ou étnicas, racistas ou não, de uma dada cultura. (OLIVEIRA, 2004, p. 57)

Sucedee, no entanto, que pela própria história da chegada e da inserção do negro no Brasil, assumir a identidade negra, ou seja, reconhecer-se como pertencente a esta etnia, ainda hoje seja um processo doloroso, já que o negro está geralmente relacionado a valores negativos, sendo percebido pelo outro (branco e colonizador) como inferior, incivilizado, primitivo.

No Brasil a definição oficial sobre quem é negro é obtida mediante Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – IBGE, cujo critério básico ainda é a cor da pele. Dessa forma, embora a ancestralidade determine nossa condição biológica, no Brasil, de acordo com a convenção do IBGE, negro é quem se autodeclara preto ou pardo (OLIVEIRA, 2004, p. 58).

No entanto, ao lado dessa definição oficial, existe uma outra, a definição antropológica, a qual pode ser resumida na citação de Oliveira, acima transcrita, segundo a qual, a identidade é uma questão de identificação e, portanto, de reconhecimento sobre a pertença de alguém a um determinado grupo.

Munanga (2003) nos dá elemento para entender o carácter doloroso que a afirmação da identidade negra representa no Brasil, ao nos lembrar da história desse grupo étnico. Historicamente, conforme já frisado, a identidade negra foi construída mediante uma ideologia que a apresentava como negativa, sem valor, em oposição a identidade branca, essencialmente valorizada.

Santos (s/d) argumenta que tais ideologias que moldaram uma gama de termos utilizados como marcadores dos indivíduos portadores de algum carácter físico que os liga à descendência africana são concomitantemente dispositivos e resultados de relações de poder, marcada pela “suposta superioridade do branco” em relação as “populações dos países por ele colonizados” (SANTOS, s/d : p. 08).

D’ADESKY (2001: 76) destaca que a identidade, para se constituir como realidade, pressupõe uma interação. A idéia que um indivíduo faz de si mesmo, de seu “eu”, é intermediada pelo reconhecimento obtido dos outros, em decorrência de sua ação. Nenhuma identidade é construída no isolamento. Ao contrário, é negociada durante toda a vida, por meio do diálogo, parcialmente exterior, parcialmente interior, com os outros. Tanto a identidade pessoal quanto a identidade socialmente derivada são formadas em diálogo aberto e dependem, de maneira vital, das relações dialógicas estabelecidas com os outros. Esse é um movimento pelo qual passa todo e qualquer processo identitário e, por isso, diz respeito, também, à construção da identidade negra.

Uma vez que a identidade é construída na relação com o outro e que é motivada, segundo Lacan (1998), pela sede do olhar do outro, olhar que nos reconheça e através do qual possamos ganhar visibilidade, o não reconhecimento da identidade negra, está

Lima, Maria do Socorro - Percepção dos alunos da Escola José Nascimento sobre a importância da escola para valorização da identidade negra.

relacionado a essa busca de reconhecimento, como bem afirmam Menestrino e Santos (s/d, p. 102), para quem:

Buscamos ser aceites para isso não queremos ser diferentes, tentamos uma igualdade e vemos o branco como a maioria, isso porque muitos afrodescendentes se veem como brancos, segundo suas concepções apresentam mais características brancas do que negras. O que sou está também intimamente ligada à sociedade, classe social, seguimos determinadas regras e normas a fim de sermos aceites e inseridos em determinados grupos, isso implica muitas vezes em renunciarmos nossas reais características, e raízes e passamos a assumir características de europeus, isso acontece com a maioria dos afrodescendentes, os quais tomam para si algo que não lhes pertence como meio de fazerem parte da chamada sociedade branca.

No entanto com o reconhecimento oficial da identidade negra, e o direcionamento de várias políticas afirmativas, resultado da luta do movimento negro que, dessa forma, conseguiu pautar suas reivindicações na agenda das políticas públicas, a questão da identidade negra passa a ser positivada possibilitando aos descendentes de africanos o reconhecimento de sua identidade de maneira menos dolorosa, especificamente, em alguns contextos.

2.3. A emergência de uma identidade negra: o caso das comunidades quilombolas

Para Assunção (2006) a emergência na atualidade de várias comunidades tradicionais que se reconhecem e querem ser reconhecida, inclusive pelo Estado, como comunidades descendentes de quilombolas é resultado da busca de direitos reconhecidos no âmbito do Estado, os quais são frutos igualmente da mobilização do movimento negro que, como já frisado, conseguiu fazer-se ouvir e inserir suas reivindicações na agenda das políticas públicas, garantindo o reconhecimento pelo Estado de uma dívida social junto a população negra brasileiras, descendentes africanos, dívida esta que as atuais políticas afirmativas buscam saldar. Nas palavras da autora:

Nos últimos anos, vem ocorrendo, em todo o Brasil, uma mobilização das comunidades negras rurais, que gradativamente vivenciam

Lima, Maria do Socorro - Percepção dos alunos da Escola José Nascimento sobre a importância da escola para valorização da identidade negra.

processos de retomada de suas identidades quilombolas, o que significa se auto afirmarem como grupo negro e reivindicarem o pertencimento a um determinado território e o reconhecimento por seus direitos enquanto grupo étnico (Assunção, 2006).

Ainda segundo Assunção é na Constituição Federal de 1988 que esses direitos passam a ser efetivamente reconhecidos pelo Estado. Em suas palavras:

Todo esse fenômeno de etnogênese deve-se, em parte, à ação política do movimento negro e principalmente à promulgação da Constituição Federal de 1988, que, em seu Artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, aponta para a possibilidade de uma ação efetiva de reconhecimento de direitos dos descendentes de africanos que foram trazidos à força para o Brasil, na condição de escravos, desde o período da colonização portuguesa (ASSUNÇÃO, 2006)

Esse dispositivo legal e os demais consideram remanescentes das comunidades de quilombos “os grupos étnicos raciais, segundo critério de auto atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida” (Decreto 4887 art.2º).

O dispositivo ao qual o parágrafo anterior se refere é claro ao afirmar como critério de identidade social o auto-reconhecimento da própria comunidade, ou seja, é a própria comunidade que se auto-reconhece enquanto “remanescentes de quilombo”. Essa denominação busca congrega todos os grupos que historicamente resistiram mediante práticas de manutenção e reprodução de seu modo de vida fundado na partilha de experiências e valores.

É nesse sentido que se justifica este nosso olhar para a educação, visto que o auto-reconhecimento na realidade brasileira é resultado de um processo educativo que favoreça a posituação da identidade negra, tornando o processo de auto-reconhecimento não apenas doloroso, assim como prazeroso.

2.4. A escola e a questão da identidade negra

Silva e Brandim (2008) chamam a atenção para a relação entre multiculturalismo e educação. Segundo os autores, é nos Estados Unidos que tal movimento tem início, precisamente na segunda metade do Século XX, tendo, posteriormente, se difundido entre as sociedades ocidentais. Ainda segundo os autores já citados, o movimento multicultural na educação tem como objetivo maior o enfrentamento do preconceito e da discriminação étnica e cultural. Tal preconceito tende a brotar em situação de contatos entre grupos sociais e étnicos diversos. Dessa forma, os multiculturalistas estariam engajados na substituição de uma atitude intolerante e preconceituosa por um diálogo diferente. (SILVA; BRANDIM, 2008)

Nesse sentido, podemos dizer que o multiculturalismo, sobretudo em sua faceta educativa, está comprometido não apenas com a causa da população negra, e de outras minorias étnicas, mas com a construção de um currículo contrário às diversas formas de expressão do preconceito e da discriminação no espaço das escolas e das salas de aulas. (SILVA; BRANDIM, 2008).

Para Gonçalves e Silva (1998), o início do movimento multicultural pode ser situado no final do século XIX, no horizonte aberto pelas lutas da população afrodescendente que tinham como bandeira a igualdade no exercício dos direitos civis e, por outro lado, o combate a todas as formas de preconceito e discriminação racial então vigente nos Estados Unidos.

Silva e Brandim (2008) destacam que os precursores do movimento multicultural foram professores universitários americanos que atuavam na área dos estudos Sociais e que, a partir de suas produções teóricas, deram visibilidade a questões políticas e culturais que interessavam à população afrodescendente. Nas palavras dos autores,

Os precursores do multiculturalismo foram professores doutores afro-americanos, docentes universitários na área dos Estudos Sociais que trouxeram, por meio de suas obras, questões sociais, políticas e culturais de interesse para os afrodescendentes. Entre esses estudiosos

destacam-se George W. Williams, Carter G. Woodson, W. E. B. Dubois, Charles H. Wesley, St. Claire Drake. Baseando-se em argumentos científicos procuravam preparar as populações segregadas para exigir igualdade de direitos, estimulando a autoestima desses grupos e apoiando o debate intelectual sobre questões relativas à discriminação e exclusão social (SILVA; BRANDIM, 2008, p. 56-7).

O multiculturalismo relacionado à educação torna-se emblemático no contexto da globalização, contexto existe fortemente marcado pela diluição das barreiras geográficas que separavam os grupos sociais culturalmente distintos. A globalização também é marcada pelo adensamento dos contatos culturais colocando em evidências as diferenças entre os indivíduos. Nesse contexto, aceitar as diferenças e enriquecer-se e continua a ser um problema que hoje ninguém sabe como resolver porque supõe o reconhecimento da alteridade (VALENTE, 1999, p. 63).

Diante dessa circunstância, considera-se relevante situar a realidade sócio-histórica e cultural atual, marcada pelos processos de reestruturação produtiva do sistema capitalista em escala mundial, que resulta na chamada universalização do capital, bem como marcada pelo crescimento dos intercâmbios culturais, que evidenciam diferenças e acirram conflitos, despertando cada vez mais os sujeitos e os grupos alvos de discriminação para lutar em defesa das formas plurais e diversas de ser e de viver

Esse novo momento histórico que estamos vivendo é marcado não apenas economicamente, mas também cultural e politicamente pela chamada globalização. Necessário se faz enfatizar a natureza opressiva da globalização, visto que, globalizar tem sido sinônimo de homogeneizar, e, portanto, de diluição das identidades e das diferenças culturais (FLEURI, 2003).

No sentido político, a globalização tem significado o predomínio do neoliberalismo e consequente desmantelamento do Estado de Bem Estar Social e das políticas públicas e sociais, notadamente, aquelas de caráter mais emancipatório. Em decorrência desse processo temos assistido no âmbito internacional e mesmo nacional a redução dos direitos trabalhistas e a desmobilização dos trabalhadores, com resultados drásticos sobre o nível de emprego e desemprego. Com o acentuado crescimento do desemprego

Lima, Maria do Socorro - Percepção dos alunos da Escola José Nascimento sobre a importância da escola para valorização da identidade negra.

crece também as posturas e práticas marcadas pela xenofobia, pelo medo do diferente, sobretudo quando estes, vindo dos países pobres ameaçam tomar os poucos empregos que ainda restam nos países do norte.

Culturalmente a globalização tem sido marcada pelo avanço expressivo da tecnologia que tem contribuído para a diluição do tempo e do espaço e consequentemente para por fim as barreiras geográficas que separavam grupos sociais e culturais distintos, acentuando o intercâmbio cultural tanto no âmbito internacional, quanto no âmbito nacional. Resultado desse processo é que o mundo atual tem assumido cada vez uma face marcada pela multiculturalidade, pela diversidade cultural, o que coloca como desafio a convivência com o diferente.

Uma sociedade da paz, pautada na convivência fraterna entre as várias culturas, encontra como obstáculo para sua concretização o olhar e as posturas etnocêntricas. Sabe-se que o olhar etnocêntrico é baseado no julgamento do outro a partir dos padrões de nossos próprios grupos culturais. Assim, o outro, o diferente, emerge, como desigual, menos humanos, menos gente e, portanto, inferior, passando a ser visto/pensado como ameaça a nosso próprio modo de vida.

Silva e Brandim (2008) realçam que os padrões com os quais o olhar etnocêntrico avalia e julga “o diferente” são fundados nos valores da cultura ocidental que tende a idealizar e valorizar o branco, letrado, masculino, heterossexual e cristão. Nesse sentido, todos que fogem a tais padrões são classificados não apenas como diferentes, mas como inferiores.

Para os autores acima citados, tais padrões culturais são,

Definidos arbitrariamente e impostos de modo sutil ou arrogante e hostil, peculiar das culturas e identidades autoproclamadas “superiores”, o que contribui para reforçar e difundir a chamada ideologia do branqueamento, segundo a qual os grupos ocidentais brancos se dizem mais capazes e melhores que os demais existentes, tornando os alvos de exclusão, discriminação, preconceito etc. (SILVA; BRANDIM, 2008, p. 54).

Para Silva e Brandim (2008) além do olhar etnocêntrico, outro fator que tem impedido a construção de uma cultura de respeito é, por um lado, o fato de que tendemos a caminhar lentamente no sentido de acolher a diversidade cultural, sobretudo, quando consideramos a rapidez com a qual assumimos posturas preconceituosas; por outro lado, ainda não temos uma vigorosa ação educativa, sobretudo nas escolas, centrada na construção de uma cultura de respeito para com o diferente. Ainda nas palavras dos autores,

Apesar das conquistas alcançadas em todos os países do mundo ocidental, tais como o Brasil, as ações efetivas têm sido tímidas na maioria das instituições formadoras (incluindo as escolas e universidades) com vistas a uma educação multicultural capaz de ensinar e aprender a lidar com práticas discriminatórias. Quando muito, sobressai-se a retórica vazia de sentido político, sem grandes repercussões concretas. (SILVA; BRANDIM, 2008, p. 54).

Nesse sentido, tanto a educação racial, quanto a escola são vistos como âncoras de um novo futuro, sendo convocados a repensarem-se a si mesmo diante desse novo contexto no qual estão mergulhados. Como vimos, os novos contextos sociais, marcados pelo encontro entre culturas distintas, requer novos saberes e novas posturas, os quais por sua vez demanda a emergência de novos sujeitos sociais, cujas práticas sejam marcadas pelo respeito para com os diferentes.

Para Siss (2003) a educação multicultural só é possível se os sujeitos sociais forem capazes de viver valores democráticos como a participação, responsabilidade, respeito aos direitos e as opiniões de outras pessoas e também a solidariedade ao outro. Dessa forma, pensar a prática da escola e dos professores para a construção de uma cultura de respeito a diversidade demanda pensarmos na formação para a vivência desses valores.

Entendemos a educação como um processo abrangente pelo qual nossa humanização vai sendo constituída. Tal processo, embora tenha escola um de seus locus privilegiado não se realiza apenas nessa instituição, mas em diversos espaços sociais,

como a família, a comunidade, o local de trabalho, etc. Como bem nos lembra Brandão (1994, p. 10-11):

A educação é, como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade. Formas de educação que produzem e praticam, para que elas reproduzam, entre todos os que ensinam e aprendem, o saber que atravessa as palavras da tribo, os códigos sociais de conduta, as regras do trabalho, os segredos da arte ou da religião, do artesanato ou da tecnologia que qualquer povo precisa para reinventar, todos os dias, a vida do grupo e a de cada um de seus sujeitos, através de trocas sem fim com a natureza e entre os homens, trocas que existem dentro do mundo social onde a própria educação habita, e desde onde ajuda a explicar – às vezes a ocultar –, a necessidade da existência de sua ordem.

Como a citação deixa clara, a educação é uma prática social que assume múltiplas e complexas formas e modelos e a escola não o único lugar onde tal prática se realiza, nem o professor e professora são os únicos responsáveis por ela.

No entanto, apesar dessas considerações, estamos privilegiando o processo educativo que se realiza no cotidiano da instituição escolar por ser a escola um local onde aprendemos e compartilhamos saberes e formas de fazer, de ser e de conviver. Dessa forma, pensamos que a escola é uma instituição fundamental para a construção de uma cultura cidadã e de respeito a diversidade cultural, uma vez que na escola uma diversidade de cultura se faz presente. Assim, sendo, o multiculturalismo, como uma forma de administração e de vivência dessa diversidade cultural no interior da escola, exerce no interior dessa instituição, um papel fundamental.

Pensamos a escola como um local específico de um processo formativo mais amplo. Embora envolva, também ultrapassa o currículo, as disciplinas, os regimentos, etc. A intenção é pensar a escola como um espaço de convivência entre diferentes sujeitos que pertencem a diferentes grupos culturais. Dessa forma, quer tenha consciência quer não, a escola, mediante a postura assumida pelos diversos agentes escolares, contribui e interfere na construção da identidade negra, seja quando comunga e participa de práticas e posturas que negam tal identidade, seja quando busca forma de destruir os falsos estereótipos pelos quais a identidade negra muitas vezes é pensada no

Lima, Maria do Socorro - Percepção dos alunos da Escola José Nascimento sobre a importância da escola para valorização da identidade negra.

cotidiano dos alunos e, ao mesmo tempo, busca formas de construção de um outro olhar sobre a história e sobre a identidade das populações negras.

O olhar lançado sobre o negro, a forma como os alunos e funcionários negros são pensados, tratados no interior da escola e da sala de aula pode tanto estigmatizar, discriminar e segregar a identidade negra, como contribuir com o processo de auto reconhecimento e valorização da mesma. Conforme anuncia Gomes (s/d, p. 44),

Sendo entendida como um processo contínuo, construído pelos negros e negras nos vários espaços - institucionais ou não - nos quais circulam, podemos concluir que a identidade negra é forjada também durante a trajetória escolar desses sujeitos. Nesse percurso, o negro e a negra deparam-se, na escola, com diferentes olhares sobre o seu pertencimento racial, sobre a sua cultura e a sua história. Muitas vezes, esses olhares chocam-se com a sua própria visão e experiência da negritude. Estamos no complexo campo das identidades e das alteridades, das semelhanças e diferenças e, sobretudo, das diversas maneiras como estas são tratadas.

Dessa forma, fica patente a importância do convívio com a alteridade, com o diferente, como um elemento constitutivo da identidade humana. Ao mesmo tempo, necessário se faz considerar que a identidade do negro não é construída apenas pela oposição ao branco, mas também pela negociação, conflito e diálogo. Nessa interação com o outro, brancos e negros vão estabelecendo os contornos de suas identidades.

Pensar a relação entre escola e identidade negra implica reconhecer a necessidade de novas práticas e postura educativa no interior do cotidiano escolar e da sala de aula. Com efeito, é necessário que os agentes educativos assumam uma prática pedagógica que seja permeada pela perspectiva da valorização e do respeito para com a população negra, combatendo o preconceito e favorecendo a emergência de novos sujeitos sociais.

Tal proposta, implica ainda no reconhecimento da diversidade enquanto constituinte da vida escolar, rompendo, dessa forma, com uma visão homogênea dos alunos.

Gomes (2002) chama a atenção dos leitores para a escola enquanto espaço de encontro de olhares, o qual pode contribuir para a positivação e valorização da identidade

Lima, Maria do Socorro - Percepção dos alunos da Escola José Nascimento sobre a importância da escola para valorização da identidade negra.

negra. Para este autor, tal encontro de olhares pode também favorecer práticas segregativas e discriminatória. Nas palavras do autor,

Quando pensamos a escola como um espaço específico de formação inserida num processo educativo bem mais amplo, encontramos mais do que currículos, disciplinas escolares, regimentos, provas, testes e conteúdos. Deparamo-nos com diferentes olhares que se cruzam, que se chocam e que se encontram. A escola pode ser considerada, então, como um dos espaços que interferem na construção da identidade negra. O olhar lançado sobre o negro e sua cultura, no interior da escola, tanto pode valorizar identidades e diferenças quanto pode estigmatizá-las, discriminá-las, segregá-las e até mesmo negá-las (GOMES, 2002, p. 39)

Fica claro na citação acima que a escola é também um espaço onde a identidade negra é construída e reconstruída, espaço onde tal identidade pode ter seu processo de segregação potencializado, mas também lugar onde tal identidade pode ser repensada na perspectiva de sua valorização e emancipação. Essa construção da identidade negra no espaço escola se faz mediante as diversas formas pelas quais os afrodescendentes são vistos e tratados no cotidiano da escola e da sala de aula.

Como afirma Gomes (2002, p. 40):

O negro e a negra deparam-se, na escola, com diferentes olhares sobre o seu pertencimento racial, sobre a sua cultura e a sua história. Muitas vezes, esses olhares chocam-se com a sua própria visão e experiência da negritude. Estamos no complexo campo das identidades e das alteridades, das semelhanças e diferenças e, sobretudo, das diversas maneiras como estas são tratadas.

Como lembra Silva (2000), a reconstrução da identidade negra na escola demanda o questionamento da forma como tal identidade vem sendo historicamente representada nos múltiplos discursos sociais. Reclama, dessa forma, que se pense o lugar historicamente ocupado pelos negros na sociedade brasileira e, por extensão, também no espaço da escola. Assim, a valorização da identidade negra significa o questionamento desses estereótipos, dessas representações e a construção de outras imagética sobre a população negra, o que implica em remar contra a corrente, algo que é difícil de ser operacionalizado no cotidiano escolar, como bem explica Gomes (2002, p. 42):

Não é fácil construir uma identidade negra positiva convivendo e vivendo num imaginário pedagógico que olha, vê e trata os negros e sua cultura de maneira desigual. Muitas vezes, os alunos e as alunas negras são vistos como “excluídos”, como alguém que, devido ao seu meio sociocultural e ao seu pertencimento étnico/racial, já carrega congenitamente alguma “dificuldade” de aprendizagem e uma tendência a “desvios” de comportamento, como rebeldia, indisciplina, agressividade e violência. Essas concepções e essas práticas pedagógicas, repletas de valores e representações negativas sobre o negro, resultam, muitas vezes, na introjeção do fracasso e na exteriorização do mesmo pelos alunos e alunas, expresso numa relação de animosidade com a escola e com o corpo docente. Diante de uma estrutura e de práticas excludentes não é de se estranhar que muitos/as alunos/as negros/as introjetem o racismo e o preconceito racial (GOMES, 2002, p. 42)

O primeiro passo rumo a valorização da identidade negra na escola e na sala de aula é o reconhecimento e desvelamento das atitudes preconceituosas presentes no âmbito escolar e também no interior da sala de aula.

Outro passo importante é o reconhecimento e o questionamento dos discursos que circularam e que circulam sobre o negro, mas também os processos sociais, econômicos, políticos e culturais que tais discursos legitimam.

Por fim, um terceiro passo seria o reconhecimento das lutas do povo negro tanto na busca de sua reprodução, quanto na luta contra a discriminação e o racismo.

É importante igualmente, um trabalho de resgate de aspectos da cultura e da identidade negra, sobretudo os que envolvem a religiosidade, visando descobrir o negro enquanto sujeito produtores tanto de cultura, quanto de história.

Todos esses passos demandam dos educadores novas metodologias pedagógicas bem como um redirecionamento dos discursos sobre a escola e a educação enquanto direito social.

Para a escola a exigência diz respeito ao resgate, nessa instituição, do protagonismo e da dimensão de sujeito das populações negras, visando dar visibilidade a contribuição que essas populações tiveram na história do povo brasileiro. Urge igualmente resgatar a dimensão de resistência pela qual os sujeitos negros vêm não apenas resistindo, mas forjando espaços de liberdade tanto no âmbito individual quanto no âmbito social.

Lima, Maria do Socorro - Percepção dos alunos da Escola José Nascimento sobre a importância da escola para valorização da identidade negra.

É só quando não abre mão desse seu papel que a escola pode de fato realizar sua função social de agencia promotora de uma nova cultura da paz, nesses tempos tão conturbados nos quais vivemos.

CAPÍTULO III

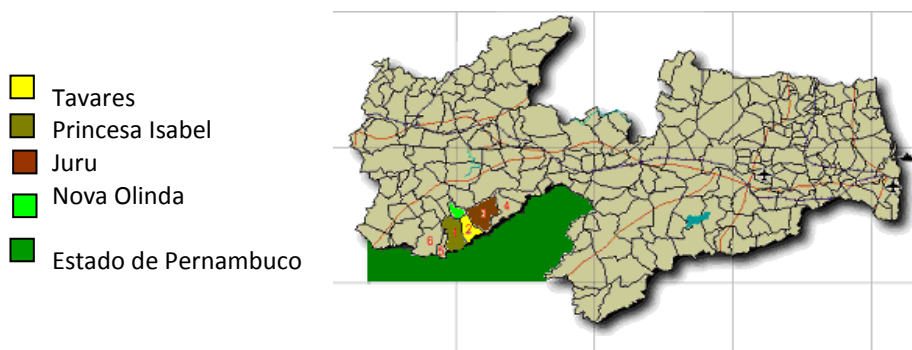
APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

3.1. Caracterização da Área do Município

Situado no alto sertão paraibano, na microrregião da serra de Teixeira, o município de Tavares conta com uma área de 228,60 Km², correspondente a 0,37% da área do Estado da Paraíba, distando, por rodovia, a 337.259 km da capital João Pessoa e a 139 km da cidade de Patos, sede regional polarizada. Limita-se ao norte com os municípios de Nova Olinda e Juru; ao sul, com o município de Princesa Isabel e o Estado de Pernambuco; ao leste, com o município de Juru e, ainda, com o Estado de Pernambuco; e a oeste, também, com o município de Princesa Isabel (Figura 01).

Figura 01 – Localização do Município

LIMITES MUNICIPAIS



De acordo com a metodologia adotada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, para a realização do censo, o município foi dividido em 15 áreas, sendo três (03) na sede do município e doze (12) na zona rural. Dentre as comunidades rurais, merecem destaque: Mocambo, Arara, Inácio Alves, Curisco, Pau d'Arco, Boa Vista, Lagoa, Riacho do Meio, Minadouro, Domingos Ferreira, Queimadas, Bonito, Cacimbinha, Cumbre, Castanheira, Olho D'água Seco, Pitomba, Lajedo Bonito, Manoel do Mato, Macambira e os distritos de Jurema, Belém e Silvestre.

O município alcançou sua independência político-administrativa através do Projeto de Lei n.º 2.150, em 10 de setembro de 1959, sendo que sua emancipação política e administrativa ocorreu em 17 de novembro daquele mesmo ano. Todavia, sabendo que até o ano de 1959 a cidade, então povoado, pertencia ao Município de Princesa Isabel-PB, podemos deduzir que o seu povoamento tenha se dado na segunda metade do século XIX por famílias de vaqueiros, agricultores, pecuaristas e pequenos agricultores em movimento, “empurrados”, pelas grandes plantações, no litoral e no brejo paraibano, mas, também motivados pela busca de terra e trabalho, ou seja, um local para “morar e trabalhar”.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – IBGE, a população do município está estimada em 14.103 habitantes (Censo de 2010), sendo que mais da metade da população habita as áreas oficialmente consideradas como rurais – sítios e povoados.

Lima, Maria do Socorro - Percepção dos alunos da Escola José Nascimento sobre a importância da escola para valorização da identidade negra.

Gráfico 01 – População por Faixa Etária

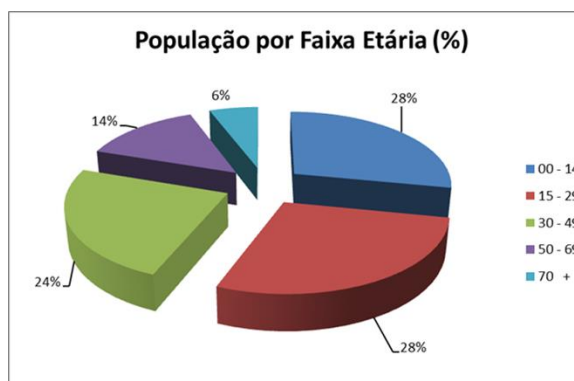
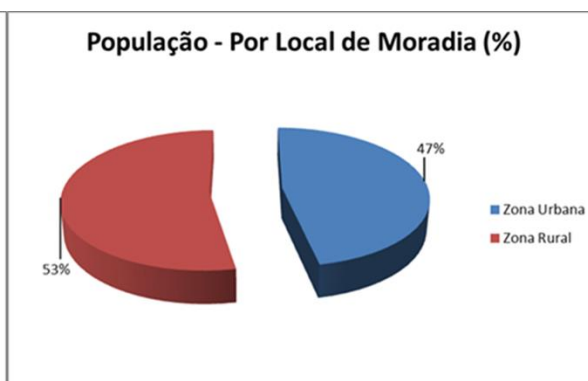


Gráfico 02 – População por Lugar de Moradia



Fonte dos Dados: Pesquisa da autora

O município apresenta uma elevada concentração de imóveis rurais, 71,9%, cujas áreas são inferiores a cinco hectares e que ocupam apenas 24,8 % de toda área municipal. Este número revela uma concentração de terras que, como no restante do país, é um dos problemas que afeta diretamente os pequenos agricultores obrigados, dessa forma, obrigados a buscarem outras fontes de renda, visando assegurar a reprodução familiar.

A economia do município está fundamentada na agricultura, no comércio e nos empregos públicos, sendo que a maior parte da renda provém das transferências governamentais, aqui incluídos tanto as receitas públicas quanto os recursos provenientes de bolsas, aposentadorias, auxílios etc. Em razão da falta de oportunidade de emprego e renda no próprio lugar, grande contingente dessa população, especificamente os jovens filhos de pequenos agricultores, é “obrigado” a migrar sazonalmente para os canaviais paulistas, onde passam a maior parte do ano, trabalhando como cortadores de cana-de-açúcar (SILVA, 2006).

Com relação ao comércio local grande parte do mesmo está relacionada aos setores de serviço/lazer (bares, boates), de gêneros alimentícios (mercados, mercearias), e de materiais de construção. Embora não disponhamos de números a este respeito, basta uma caminhada pela cidade para percebermos o peso econômico do comércio, que é movimentado, em grande parte, pelas transferências governamentais, constituídas

Lima, Maria do Socorro - Percepção dos alunos da Escola José Nascimento sobre a importância da escola para valorização da identidade negra.

basicamente por aposentadorias, auxílios e bolsas (Programa Fome Zero), mas também pelos salários do funcionalismo público (federal, estadual e municipal) e por recursos externos, oriundos, sobretudo, das migrações.

Em termos de serviços públicos o município conta, atualmente, com um hospital de baixa complexidade, além de seis equipes do Programa Estratégia Saúde da Família – ESF; sendo quatro (04) na sede do município, um (01) no distrito do Silvestre e o outro (01) no povoado Jurema.

Em relação aos programas sociais, atualmente estão em funcionamento no município:

1. O Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos – SCFV, o qual atende uma média de quinhentas crianças oriundas tanto das zonas rurais, quanto da zona urbana;
2. O PROJOVEM Adolescente, composto por seis núcleos com vinte e cinco adolescentes cada um, perfazendo um total de cento e cinquenta (15) adolescentes atendidos;
3. Uma (01) unidade do Centro de Referência de Assistência Social – CRAS;
4. Uma (01) unidade do Centro de Referência Especializada de Assistência Social – CREAS.

Sobre a educação cabe enfatizar que segundo dados do IBGE (Censo 2010) 31% das pessoas na faixa etária de 15 anos ou mais, não sabiam, por ocasião do referido censo, ler e escrever, o que expressa o alto índice de analfabetismo entre a população tavarense. Em termos de estrutura educativa o município é atendido tanto pelo sistema municipal quanto pelo sistema estadual de ensino. No que diz respeito à rede municipal a mesma atende alunos da creche a primeira fase do ensino fundamental. Ao todo são dez (10) unidades escolares na zona rural e três (03) na zona urbana. Sobre a rede estadual

Lima, Maria do Socorro - Percepção dos alunos da Escola José Nascimento sobre a importância da escola para valorização da identidade negra.

a mesma mantém uma escola na sede do município que atende alunos do infantil até o ensino médio; e mais três nos sítios e povoados.

Ainda segundo o IBGE (Censo de 2010) 22,9% dos domicílios particulares possuem saneamento básico adequado, 40,4% semi-adequado e 36,6% inadequado, desses 72,8% estão situados na zona rural.

3.2. Caracterização Sócio-Histórica do Sítio Domingos Ferreira

O sítio Domingos Ferreira está situado a 5km da sede do município de Tavares. No sítio reside cerca de cinquenta (50) famílias, as quais economicamente vivem da agricultura e pecuária, dos programas de transferências de renda (bolsa família, pensões, aposentadorias) e dos recursos advindos da migração de alguns membros.

A agricultura é de base familiar e envolve o cultivo de feijão e milho, basicamente. Já a pecuária é marcada pela criação de bovinos, caprinos, suínos e ovinos.

Em termos de equipamentos sociais há no sítio uma escola de Ensino Infantil e fundamental, ligada a rede municipal de ensino, uma sede da associação comunitária, e um agente do Programa Agente Comunitário de Saúde.

A história do sítio remete-se ao século XVIII quando chegaram nesta localidade os primeiros habitantes, guiados pelo Sr. Domingos que sua vez, demarcou os limites territoriais do Sítio e se fez senhor proprietário das terras. Com a sua habilidade de ferreiro, constituiu um elo enorme de amizade, tornando-se bastante conhecido por toda a região.

Alguns anos depois veio do Rio Grande do Norte, o cidadão chamado José Vieira da Costa, que se apossando de uma faixa de terra, ajudou a formar a Comunidade. Por último chegou aqui, o Sr. Marco Vieira chefe de uma família numerosa, que muito

Lima, Maria do Socorro - Percepção dos alunos da Escola José Nascimento sobre a importância da escola para valorização da identidade negra.

contribuiu no povoamento da Comunidade e aumentou satisfatoriamente a sua descendência, através das gerações da sua família, ele foi Senhor de Engenho e também proprietário de Casa de Farinha. Ao chegar à Comunidade, deu nome ao Sítio, homenageando o primeiro habitante DOMINGOS, o qual era ferreiro de profissão. Por conta disso, Marco Vieira introduziu ao nome Domingos o sobrenome FERREIRA, formando assim DOMINGOS FERREIRA, nome este, agraciado por todos os moradores e bem aceito devido ao gesto da homenagem prestada.

As tradições culturais existentes destacam as festas juninas, festa do padroeiro São Domingos de Gusmão, o novenário Mariano, que reúne muitos fiéis durante as novenas do mês de maio e festas profanas animadas por muito forró de serra, coco de roda, a dança do nego nagô, ciranda e muita cachaça, como destaque para a tradição dos Bacamarteiros, bonito incremento dos cidadãos trajados à rigor em uniforme igual, reverenciando o São João, com salvas de tiros em horários distintos durante à véspera e o dia 24 de Junho (Dia de São João).

Tal festividade é mantida pelos costumes dos católicos ali existentes, em agradecimento pelas colheitas anuais dos plantios de: Feijão, Milho, Arroz, Algodão, Cana de Açúcar, Mandioca e pequeno criatórios de animais domésticos.

Com o passar do tempo, por consequência natural estiagens prolongadas, ficou cada vez mais seca e improdutiva, expulsando da terra os chefes de famílias, que em busca do sustento deixavam suas moradias e migravam a procura de serviço (mão de obra) nos grandes centros e principalmente nas zonas canavieiras do sudeste.

Os primeiros professores da comunidade foram: MARIA DO ROSÁRIO, MARIA PÉRTUA, NEIDE PESSOA, PEDRO PERREIRA conhecido por seu PEREIRINHA, NECO LIMA, MARIA DA LUZ e DONA CILENE, ambos professores leigos com conhecimento apenas do fundamental.

Apesar do incentivo escolar por parte dos governantes, a juventude sofre pela discriminação racial (cor), e por falta de oportunidades de trabalho. A Comunidade por si só, não dispõe de mecanismos capazes para a geração de renda (utilização da mão de obra) local e políticas próprias suficientes, fatores estes que vem impulsionando, ainda mais, o êxodo rural

3.3. Caracterização da Escola José Nascimento – Locus da Pesquisa

Situada no Sítio Domingos Ferreira, município de Tavares – PB, a Escola de Ensino Infantil e Fundamental José Nascimento da Silva possui 06 salas de aula, um pátio, uma cozinha, uma sala de computador e uma secretaria.

A escola recebe crianças, adolescentes e jovens tanto do sítio Domingos Ferreira e circunvizinhança e oferece o ensino Infantil, a primeira e a segunda fase do Ensino Fundamental que corresponde respectivamente do 1º ao 5º anos e do 6º ao 9º ano.

Atualmente a escola acolhe também o programa Mais Educação, o qual é uma ação do governo federal cujo objetivo é aumentar a oferta educativa nas escolas públicas, através da promoção de atividades educativas agrupadas em áreas temáticas ou macro campo pedagógico (meio ambiente, esporte, lazer, direitos humanos, cultura e artes, cultura digital, prevenção e promoção da saúde, educomunicação, educação científica e educação econômica).

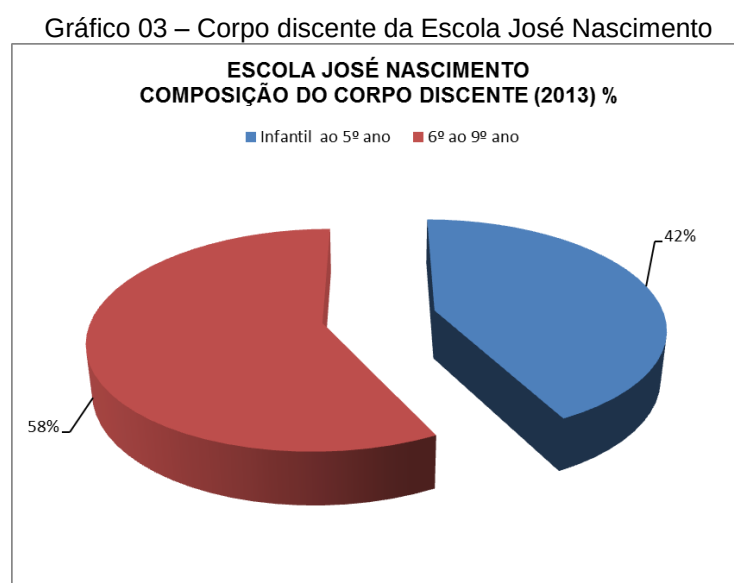
O corpo docente da escola é composto por doze (12) professores, dos quais 01 terço residem na própria comunidade e dois terços (08) são oriundos da zona urbana do município de Tavares e circunvizinhos.

É importante enfatizar que todo o corpo docente possui licenciatura seja em Pedagogia, seja em alguma licenciatura específica (história, letras, matemática, geografia etc.), possuindo também alguma pós-graduação *latus senso* na área de educação.

Lima, Maria do Socorro - Percepção dos alunos da Escola José Nascimento sobre a importância da escola para valorização da identidade negra.

O corpo administrativo da escola é composto por 01 diretora, 01 diretora adjunta, 01 secretaria. Destas apenas a atual diretora adjunta é oriunda da própria comunidade. Quanto aos auxiliares a escola conta com 04 merendeiras, das quais três residem no próprio sítio e 03 ajudantes gerais, dois dos quais, também residem no mesmo sítio.

O gráfico abaixo traz dados referentes ao corpo discente, o qual atualmente é composto por um total de duzentos e vinte e seis estudantes divididos entre o ensino infantil e o ensino fundamental (I e II).



Fonte dos dados: Pesquisa da autora

3.4. Apresentação dos Entrevistados

Além da observação direta do cotidiano escolar, foram aplicados 83 questionários entre os alunos da Segunda Fase do Ensino Fundamental, compreendendo do 6º ao 9º ano.

Os gráficos 04 a 07 trazem dados relativos ao perfil dos alunos entrevistados. Os dados do gráfico 04 sinalizam que maior parte dos entrevistados é composta por mulheres (52%). Já o gráfico 05, traz dados referente a faixa etária dos mesmos,

Lima, Maria do Socorro - Percepção dos alunos da Escola José Nascimento sobre a importância da escola para valorização da identidade negra.

sinalizando para a predominância de adolescentes, entre 11 a 14 anos de idade (85% dos entrevistados

Gráfico 04 – Entrevistados por sexo

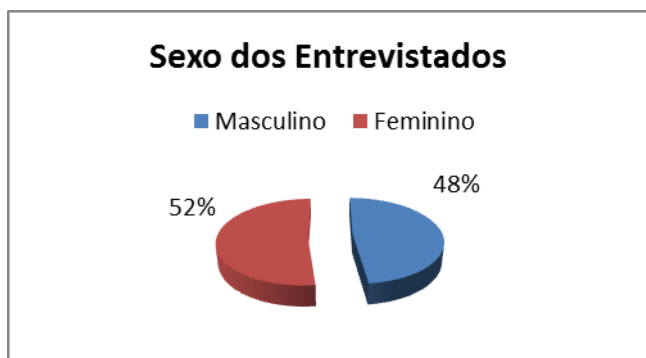
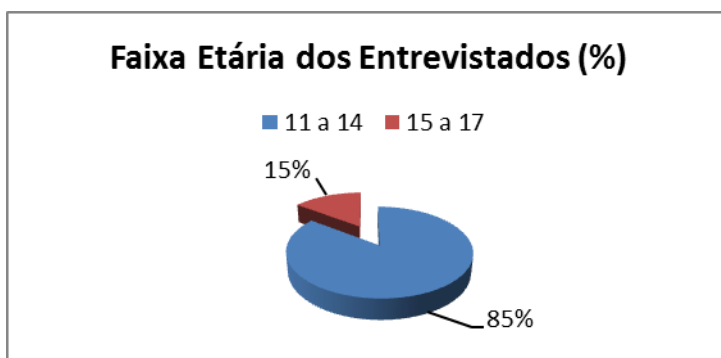


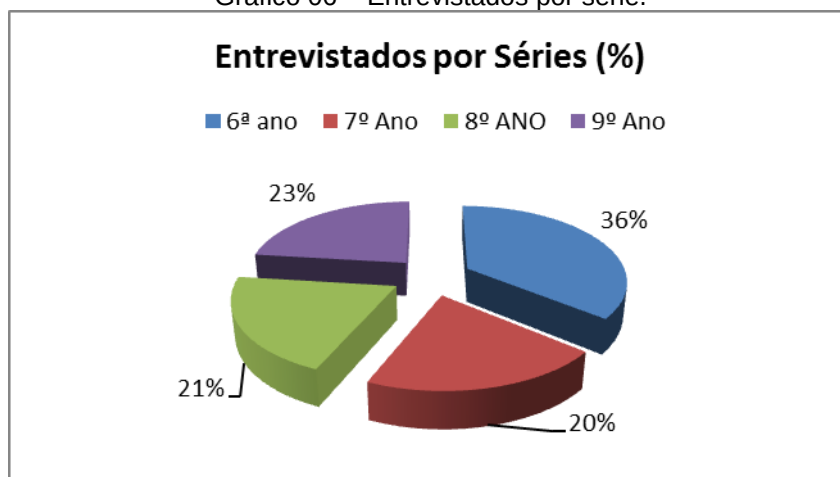
Gráfico 05 – Entrevistados por Faixa Etária



Fonte dos dados: Pesquisa da autora

Conforme pode ser observado no gráfico 06 (abaixo) a maior parte dos alunos entrevistados (36%) estava, por ocasião da aplicação do questionário, no 6º ano do ensino fundamental.

Gráfico 06 – Entrevistados por série.



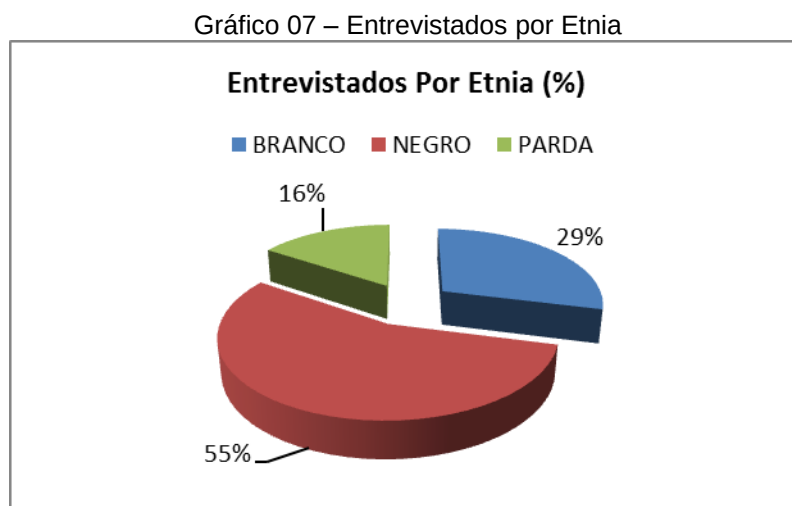
Fonte dos dados: Pesquisa da autora

A maioria dos entrevistados (49%) disse participar de algum grupo social, sendo que os principais grupos relatados foram: a associação comunitária, o grupo de jovem da igreja católica e grupos culturais. Dentre estes últimos vale a pena enfatizar que alguns entrevistados revelaram participar do grupo de dança Negro Nagô, grupo este

Lima, Maria do Socorro - Percepção dos alunos da Escola José Nascimento sobre a importância da escola para valorização da identidade negra.

estritamente ligado a afirmação da identidade quilombola, por se tratar-se de um grupo que busca resgatar as tradições africanas mediante a arte (dança).

O gráfico 07 traz dados sobre como os entrevistados se percebem em relação a etnia. Como se nota, a maior parte dos entrevistados (55%) se reconhece como negro/a, sendo que um percentual de 29% se afirma brancos/as e 16% pardos.



Fonte dos dados: Pesquisa da autora

3.4.1. Para além da cor ou sobre como os alunos se veem: autoimagem e preconceito no cotidiano dos estudantes

Indagados a respeito da discriminação em suas relações sociais, 78 entrevistados responderam que não e, apenas 05 responderam que sim. Dentre os que responderam que sim, merece destaque a questão dos “apelidos”, conforme relatos abaixo:

Sim, porque algumas pessoas me apelidam (Aluna, 14 anos, 6º ano)

Sim, porque algumas pessoas me chamam de apelidos ofensivos (Aluno, 11 anos, 6º ano).

Sim, muitas vezes quando eu ia jogar bola no Belém [referência a um povoado do município] quando nós íamos ganhando, eles

Lima, Maria do Socorro - Percepção dos alunos da Escola José Nascimento sobre a importância da escola para valorização da identidade negra.

começavam a nos xingar de 'negros do cabelo de rolinha', macacos, urubus. (Aluno, 13 anos, 7º ano).

Sim, uma vez duas gêmeas me chamaram de negra preta. Eu me senti muito mal por isso, mas eu me orgulho por ter minha cor negra. (Aluna, 13 anos, 8º ano).

Algarve (2005) se amparando em Silva, C. (1995) e Peré (1991 e 2000) anota que crianças negras são vítimas de preconceitos e discriminação que se manifesta por meio de “apelidos” (*bullying*) pejorativos, os quais tem implicações para a autoestima desses sujeitos, fazendo com que os mesmos se sintam minimizados.

Como se nota, a partir dos depoimentos acima transcritos, os “apelidos” constantemente “tomam a parte pelo todo” e assim o sujeito é julgado pela sua cor “negra preta”; pelo seu cabelo “cabelo de rolinha”. Outras vezes o apelido opera animalizando o “outro” ao atribui-lhe o nome de outras espécies animais “macaco, urubu”, que compartilham da mesma cor (preta, negra etc.).

Podem-se entender os “apelidos” como expressão do processo de estigmatização da população negra, pela população que se autodenomina branca. Tella (2008, p. 155) conceitua estigmas como “construções sociais, que se originam de atitudes carregadas de pré-conceitos de pessoas que se consideram pertencentes a um grupo superior sobre o outro, que o considera membro de outro grupo”. Para o autor, os grupos estigmatizados tende a reagir mediante uma estratégia interior ou coletiva. A primeira consiste basicamente na interiorização e aceitação da inferioridade imputada; na escamoteação da ofensa, ou por meio da adoção de um comportamento revoltado/agressivo. No plano coletivo, a reação pode ir da assimilação da inferioridade até a revalorização da própria identidade.

3.4.2. No espelho do outro: “eu não pertencço a este grupo racial”.

Conforme já enunciado grande parte dos que responderam ao questionário afirmaram que não se sentem discriminado por serem negros/as. No entanto, entre as justificativas apresentadas merece destaque o fato de que alguns adolescentes afirmaram que não se sentem discriminados/as em razão de serem “mulatos”, “pardos” e mesmo “branco” e assim não se perceberem/serem percebidos como negros, como mostra os depoimentos abaixo transcritos.

Não, até porque eu não sou negra, sou “mulata”, (Aluna, 11 anos, 6º ano).

Eu não pertencço ao grupo social negro (Aluna, 10 anos, 6º ano).

Os depoimentos acima citados sinalizam para uma negação da própria identidade por parte dos adolescentes, inclusive como uma forma de reação contra o preconceito vivenciado diariamente. Cavalleiro (1999) anota que a criança que se sente discriminada tende a se auto rejeitar e também a rejeitar seu próprio grupo de pertença, sua cultura e sua história, o que sinaliza para uma baixa autoestima por parte do sujeito.

O uso do termo “moreno” ou “pardo” ao invés de negro sinaliza para a busca de escamotear a condição de “negro” mediante o uso de um eufemismo cultural dado no caso, pela substituição de uma palavra (com conotação muito negativa) por outra com conotação mais positiva.

É importante frisar que, no Brasil, os termos “moreno”, “pardos”, “homens de cor”, foram utilizados para construção e sustentação do mito de igualdade e democracia racial. Trata-se de um ideário segundo o qual em nosso país, não haveria racismo, uma vez que negros e brancos conviveriam harmonicamente e que a sociedade brasileira era mestiça,

Lima, Maria do Socorro - Percepção dos alunos da Escola José Nascimento sobre a importância da escola para valorização da identidade negra.

portanto, nem preta, nem branca, mas resultado da mistura de ambas as raças, morena enfim. (ver a obra de Gilberto Freyre, sobretudo “Casa Grande e Senzala”).

3.4.3. A valorização da própria identidade

Se uma pequena parte dos que responderam ao questionaram disse não ser discriminada por não fazer parte do grupo racial considerado (negros), uma grande maioria, embora também tenha respondido que não são alvos de preconceito apresentaram outras razões, sobretudo o fato de que são iguais, de que fazem parte de uma comunidade quilombola e de que não sofrem mais preconceitos graças a luta de muitas pessoas. Vejamos os depoimentos:

Não. Porque todos nós devemos nos orgulhar de nossa cor e também independentemente da raça ou como somos todos iguais e queremos respeito. Por isso nós temos que respeitar todos, pois todos somos iguais. (Aluna 1, 10 anos, 6º ano).

Não, pois minha comunidade é uma sociedade de negros, pois somos uma comunidade quilombola (Aluno, 13 anos, 9º ano).

Não porque somos todos iguais, hoje não temos mais preconceito, graças a luta de muitas pessoas que mostraram que todos temos os mesmos direitos (Aluna, 14 anos, 8º ano)

Podemos notar, nos depoimentos acima transcritos, a presença de uma consciência de que todas as pessoas são iguais, não importa sua cor da pele ou o grupo racial a que pertença, todos devem respeitar e ser respeitados, todos, inclusive tem os mesmos direitos.

Por sua vez, o terceiro depoimento sinaliza para o fato de que tal consciência é resultado da “luta de muita gente”, aqui a referência talvez seja ao próprio processo educativo desenvolvido no âmbito da comunidade que tem levado as pessoas a refletirem, valorizarem e assumirem sua identidade negra, com destaque para o trabalho desenvolvido pela escola, tema do nosso próximo tópico.

3.5. A escola e a identidade negra

Algarve (2005, s/p) chama a atenção para a importância da educação escolar no processo de valorização da identidade negra por parte de crianças e adolescentes. Em suas palavras:

Para que as crianças se aceitem e assumam sua identidade negra, a escola tem papel fundamental naquela formação e, para isso, faz-se necessário que trabalhe com seus alunos a história, a cultura, as lutas por que passou e as vitórias que seu povo conquistou e deixou como herança para o povo brasileiro. Também é importante que ela reconheça a diversidade da população brasileira valorizando-a devidamente, contribuindo para a formação de cidadãos autoconfiantes que possam exercer sem medo sua cidadania.

Indagados se a escola “José Nascimento” vem trabalhando a questão racial (negra) no Brasil e em sua cidade, todos os que responderam ao questionário afirmaram que sim, além de apresentarem as principais formas utilizadas pela escola para trabalhar a identidade negra. Vejamos os depoimentos:

Sim, através de **textos informativos** (Aluna, 10 anos, 6º ano).

Sim, vem trabalhando nas **datas que homenageiam os negros**, deixando assim uma mensagem de que os negros são importantes para a humanidade, que foi eles que mudaram a história do Brasil (Aluna, 11 anos, 6º ano).

Lima, Maria do Socorro - Percepção dos alunos da Escola José Nascimento sobre a importância da escola para valorização da identidade negra.

Sim, trabalhando atividades como **danças, livros** e também de **cartazes** (Aluno, 12 anos, 6º ano).

Sim, com **projetos sobre a consciência negra** (Aluno, 15 anos, 9º ano).

Sim, contribuindo com **danças, projetos e músicas** e também conscientizando as pessoas da comunidade (Aluno, 13 anos, 9º ano).

Sim, de forma que os alunos fiquem sabendo das **origens e dos direitos dos negros**. Transmitindo informação sobre como devemos lutar por nossos direitos. (Aluna, 14 anos, 9º ano).

Como se percebe a escola vem sim trabalhando a questão da identidade negra e dessa forma, oferecendo elementos para que os educandos possam se repensar, valorizar e assumirem-se enquanto negros e negras. Como os próprios relatos dos alunos esclarecem tal trabalho tem sido realizado de múltiplas formas e por meio de múltiplos recursos didáticos: livros, cartazes, jornais, danças e também projetos didáticos pedagógicos, com destaque para o dia da consciência negra, tema do próximo tópico deste trabalho.

3.5.1. O dia da consciência negra.

Celebrado anualmente a partir da segunda quinzena do mês de Novembro, o dia da consciência negra tem sido um momento especial pelo qual a escola José Nascimento tem trabalhado a questão da identidade negra.

Lima, Maria do Socorro - Percepção dos alunos da Escola José Nascimento sobre a importância da escola para valorização da identidade negra.

A celebração principal é vivida como a culminância de uma série de atividades vivenciadas durante uma semana nas salas de aula tendo como tema a questão da negritude, sobretudo em sua face nacional e municipal.

O cartaz abaixo é uma amostra do trabalho realizado em uma das salas de aula da escola cujo objetivo foi mapear os múltiplos sentidos do “negro” para alunos e alunas.

Figura 02 – Cartaz da Escola José Nascimento.



Fonte dos dados: Arquivos da escola “José Nascimento”

Durante a realização do projeto é dada ênfase a literatura africana e a textos que tratem do tema da desigualdade e do preconceito racial no Brasil. Por ocasião da culminância (geralmente celebrada no domingo) a escola abre as portas não apenas para a comunidade local e circunvizinhas mas também para convidados de outras localidades, alguns desses, pessoas que vêm na condição de palestrantes, oficinairos contribuir com o debate de temas previamente escolhidos por alunos e professores: questão afro, doenças, resgate da cultura negra, leis e decretos de interesse da comunidade a exemplo do Estatuto da Igualdade Racial etc.

Abaixo segue registro fotográfico de alguns momentos da culminância do dia da consciência negra realizado pela Escola José Nascimento no ano de 2011.

Lima, Maria do Socorro - Percepção dos alunos da Escola José Nascimento sobre a importância da escola para valorização da identidade negra.

Fotografia 01 – Comemoração “Dia da Consciência Negra” – 2011 – Escola José Nascimento



Fonte dos dados: Pesquisa da autora

Lima, Maria do Socorro - Percepção dos alunos da Escola José Nascimento sobre a importância da escola para valorização da identidade negra.

Fotografia 02 – Comemoração “Dia da Consciência Negra” – 2011 – Escola José Nascimento



Fonte dos dados: Pesquisa da autora

Fotografia 03 – Comemoração “Dia da Consciência Negra” – 2012 – Escola José Nascimento



Fonte dos dados: Pesquisa da autora

Lima, Maria do Socorro - Percepção dos alunos da Escola José Nascimento sobre a importância da escola para valorização da identidade negra.

Fotografia 04 – Comemoração “Dia da Consciência Negra” – 2012 – Escola José Nascimento



Fonte dos dados: Pesquisa da autora

Dentre os múltiplos trabalhos realizados pela escola, no âmbito do projeto do dia da Consciência Negra, destacamos o projeto “Penteado afro: cultura, identidade e profissão” desenvolvido pela professora Jaide Aparecida Ribeiro junto a turma do 4º ano da referida escola e cujo resultado foi apresentado no dia da culminância (22 de Novembro do mesmo ano)

Lima, Maria do Socorro - Percepção dos alunos da Escola José Nascimento sobre a importância da escola para valorização da identidade negra.

Fotografia 05 – Apresentação do projeto: “Penteados afros: cultura, identidade e profissão” – Escola José Nascimento, 2012.



Fonte dos dados: Arquivo da Professora Jaide Aparecida Ribeiro de Sousa

O referido projeto partiu da constatação de que grande parte dos apelidos dos quais pessoas negras são vítimas incidem sobre o cabelo “cabelo pixaim”, “cabelos de Bombril”, etc. Por outro lado, segundo a referida professora, partiu-se também da constatação de que saber lidar com o cabelo determina a sua aceitação ou não. É interessante registar que, segundo Lody R. (2004, p. 65) os cabelos e os penteados assumem para o africano e os afrodescendentes a importância de resgatar, pela estética, memórias ancestrais, memórias próximas, familiares e cotidianas.

Com base nesses pressupostos a professora iniciou o trabalho a partir de uma conversa sobre tipos de cabelos, penteados e identidade. Em seguida mobilizou a turma para fazer uma pesquisa, no mundo virtual, sobre penteados afro. A partir da pesquisa, os próprios alunos começaram a resgatar pessoas na comunidade que sabiam fazer os “ditos penteados”.

A partir dessa informação a professora, juntamente com a turma, passou a catalogar as “penteadeiras” na própria comunidade, convidando-as a vir para a escola a fim de fazerem os penteados nos alunos e alunas que quisessem. O resultado do projeto foi um concurso de penteados afro, realizado no dia da culminância do projeto. Desde

Lima, Maria do Socorro - Percepção dos alunos da Escola José Nascimento sobre a importância da escola para valorização da identidade negra.

então, muitas pessoas, inclusive jovens da comunidade, começaram a utilizar o penteado afro como uma forma de resgate e valorização de suas identidades de negros e negras. Abaixo fotos do primeiro concurso de penteados afro – 2010).

Fotografia 06 – Apresentação do projeto: “Penteados afros: cultura, identidade e profissão” – Escola José Nascimento, 2012.



Fonte dos dados: Arquivos da Professora Jaide Aparecida Ribeiro de Sousa

Lima, Maria do Socorro - Percepção dos alunos da Escola José Nascimento sobre a importância da escola para valorização da identidade negra.

Fotografia 07 – Apresentação do projeto: “Penteados afros: cultura, identidade e profissão” – Escola José Nascimento, 2012.



Fonte dos dados: Arquivos da Professora Jaide Aparecida Ribeiro de Sousa

Como se pode inferir da apresentação do projeto: “Penteados afros: cultura, identidade e profissão”, a escola José Nascimento vem desenvolvendo um conjunto de atividades com foco na questão racial. Uma das perguntas do questionário era sobre a contribuição dessas atividades para a valorização da identidade negra.

Os alunos que responderam ao questionário foram unânimes ao afirmarem que tais atividades contribuem para a valorização e, conseqüentemente, afirmação da identidade racial. Vejamos alguns depoimentos:

Sim. A escola tem nos ajudado a nos reconhecermos (Aluno, 14 anos, 9º ano fundamental).

Sim, pois com esses projetos estão fazendo gostemos mais de nós mesmos (Aluna, 14 anos, 9º ano).

Sim, porque a forma com que os professores trabalham nos deixam pensar o porque de ter vergonha de viver em uma comunidade onde vivem na maioria negros (Aluna, 13 anos, 9º ano).

Sim, vem mostrando que os negros tem direitos tanto quanto os brancos, incentivando a nos olhar com mais respeito (Aluna, 13 ano, 8º ano).

Sim, cada vez mais a escola trabalha a importância da comunidade remanescente de quilombos (Aluna, 14 anos, 8º ano).

Sim, pois assim vamos nos conscientizando sobre a importância de todos. Afinal, somos todos iguais (Aluna, 15 anos, 8º ano).

Sim, com os projetos estamos mudando, estamos vendo que todos somos iguais, independentes da cor, cabelo. Todos somos seres humanos. Todos tem o direito de viver. (Aluna, 15 anos, 9º ano).

3.6. A educação do olhar

Os depoimentos acima transcritos mostra como a escola tem contribuído para a emergência de um novo olhar. A escola emerge, na fala dos adolescentes, como um espaço onde se aprender a ver, a se ver de outra maneira, a se desvencilhar do olhar do outro, quando este olhar inferioriza. Vai trazendo elementos para uma nova relação dos alunos com eles próprios: sua história, sua cultura. Através de atividades como as que foram vivenciadas no âmbito do projeto sobre os penteados afro, os alunos vão descobrindo que há saberes na comunidade, saberes importantes, embora

historicamente desvalorizados. Ao sair da sala de aula ao encontro desses saberes, a professora passa para os alunos a imagem de uma escola que não apenas quer ensinar, mais também uma escolha humilde, que sabe que tem muito que aprender com os próprios aprendizes. É nesse espaço tecido juntos que a aprendizagem acontece, uma aprendizagem não mais com sabor de transferência, mas de troca de saberes e de conhecimentos, das quais comunidade e escola saem enriquecidas.

Gomes (2003) anota sabiamente que a identidade negra é uma construção social, histórica e cultural e se relaciona com o olhar que o sujeito tem de si mesmo e do grupo ao qual pertence. Esse olhar, é importante registrar, é resultado da interação com os outros, portanto, em última instância com a forma como se é olhado, visto, percebido.

Dai a importância de uma educação do olhar, uma educação pela qual os sujeitos possam olhar para si mesmo a partir de outros ângulos, de outras perspectivas, uma educação que leve os sujeitos a se verem de novo, a reconhecerem suas belezas, seus encantos, suas tradições, seus valores não pelo prisma da inferioridade. Como bem enfatiza Gomes (2002) é pela forma com se olha para os seus educandos que a escola contribui para aumentar, consolidar e reforçar a discriminação e o preconceito ou, ao contrário, para as diferentes identidades.

3.6.1. A educação para a afirmação da identidade

Não se trata apenas de contribuir para um aumento na autoestima dos educandos. A escola, como os depoimentos acima deixam antever, tem contribuído para a afirmação da própria identidade negra, e assim favorecido o processo de autoafirmação identitária. Como já anunciado a comunidade do Domingos Ferreira encontra-se em processo de reconhecimento oficial enquanto comunidade remanescente de quilombos.

Sabe-se que este processo se dá pelo reconhecimento, valorização e a afirmação de uma identidade historicamente sufocada, afinal houve uma época que ninguém queria ser reconhecido como “remanescente de quilombos”. Atualmente tal processo vem sendo assumido e vivido como uma experiência de voltar as raízes, resgatando os traços culturais até então esquecidos, porque marginalizados (as tranças, o trabalho com o barro, os saberes tradicionais ligados a saúde e a doença etc.). Ao identificar e valorizar esses saberes presentes na própria comunidade a escola tem se colocado como partícipe desse processo.

Se como colocam Santos e Santos “ser quilombola é autoreconhecer-se como descendentes de escravos negros, assumir sua identidade, ser respeitado e os direitos serem preservados e garantidos na sociedade” ¹, podemos afirmar, com base nos depoimentos dos alunos que a escola José Nascimento encontra-se no caminho certo.

3.6.2. Desafios

Dizer que a escola José Nascimento está no caminho certo, não significa reconhecer que não há desafios a serem superados. Quando solicitados a avaliarem o trabalho da escola sobre a identidade racial, os alunos que responderam ao questionaram foram unânimes ao afirmar que tudo está muito bom, pois tem ajudado as pessoas a se aceitarem, se valorizarem e se auto afirmarem enquanto negros e negras.

No entanto, observações do cotidiano escolar permite-nos tecer algumas considerações que cremos importante.

¹ Disponível in:

[http://midia.unit.br/enfope/2013/GT4/A%20ESCOLA E A CONSTRUCAO DA IDENTIDADE QUILOMBOLA NO POVOADO MUSSUCA LARANJEIRAS SE.pdf](http://midia.unit.br/enfope/2013/GT4/A%20ESCOLA%20E%20A%20CONSTRUCAO%20DA%20IDENTIDADE%20QUILOMBOLA%20NO%20POVOADO%20MUSSUCA%20LARANJEIRAS%20SE.pdf)

Se por um lado é inegável que a escola tem avançado no tratamento da questão em foco, sobretudo quando comparamos com outras realidades escolares no âmbito das comunidades quilombolas brasileiras, por outro lado, é necessário, inclusive como forma de contribuir para o avanço nesse processo questionar algumas práticas e posturas tanto por parte da escola quanto por parte de alguns professores que tem representado ainda um retrocesso.

No que diz respeito aos professores, é preciso anotar que nem todos se envolvem efetivamente com a temática. Por outro lado, nos momentos de reuniões, encontros e planejamento é possível identificar nos registros das falas de alguns professores uma postura ingênua e mesmo discriminatórias em relação a identidade racial. Alguns professores, por exemplo, quando instigados a se posicionarem sobre o racismo e a discriminação dos negros na sociedade brasileira não relutam em afirmar que seja no Brasil, seja mesmo no município em tela (Tavares – PB), não existe racismo. Assim é que durante a I Conferência Municipal de Igualdade Racial, realizada pela secretaria de Ação Social do município no ano de 2013, uma das professoras da escola José Nascimento chegou a dizer que “são os próprios negros do Domingos Ferreira que se discriminam”.

Por outro lado, ainda tomando como exemplo a I Conferência Municipal de Igualdade Racial, é importante anotar que a citada conferência contou com a participação exclusiva dos professores da comunidade Domingos Ferreira, uma vez que os professores de outras escolas, bem como a equipe da coordenação pedagógica e os demais diretores não foram convocados, pela secretaria de educação a participarem do referido evento, numa clara alusão de que as questões raciais, no âmbito municipal, dizem respeito exclusivamente ao moradores do sítio “Domingos Ferreira”. Tal fato, por si só, já é bastante esclarecedor da postura de grande parte dos educadores. Sucede que como os professores são anualmente alocados para as diferentes escolas por questões políticas, não há garantia de uma continuidade nos trabalhos atualmente desenvolvidos pela escola, haja vista que o mesmo é determinado pela sensibilidade dos

Lima, Maria do Socorro - Percepção dos alunos da Escola José Nascimento sobre a importância da escola para valorização da identidade negra.

professores e, assim sendo, a comunidade está a mercê dos caprichos desses profissionais. Se a equipe do próximo ano tiver a mesma sensibilidade, os trabalhos terão continuidade, se não...

Isto permite que coloquemos nosso terceiro e último ponto, a questão do Projeto Político Pedagógico da Escola, o qual se constitui como instrumento importante de resgate e valorização da identidade negra contribuindo, dessa forma para o enfrentamento das diferenças nas escolas, sobretudo por permitir a formação de novas mentalidades abertas para a aceitação, o respeito e o convívio com o diferente.

Embora o Projeto Político Pedagógico da escola José Nascimento tenha sido elaborado pela comunidade escolar o processo de sua elaboração não contou com a presença de representantes da comunidade, dessa forma, não obstante alguns avanços (como o reconhecimento da identidade negra e suas implicações para o cotidiano escolar) não há previsão de temas geradores sobre diversidade étnico-racial que funcionasse como estruturadores da matriz curricular adotada pela escolar. Ao contrário, tal matriz é cópia fiel das demais escolas, tendo sido elaborada pelos técnicos da secretaria municipal de educação.

Não existe também nenhum programa de qualificação e formação dos professores sobre como trabalhar a diversidade racial no cotidiano da sala de aula e da escola, o que coloca limites para a prática escolar.

No entanto, mesmo com tantas dificuldades a escola, graças sobretudo a um grupo de professores sensíveis tem avançado no tratamento da questão racial e feito a diferença para uma grande parcela de educandos e para a comunidade em geral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dissertação teve como tema a relação entre a escola e a construção da identidade étnica de uma comunidade rural, a saber o sítio Domingos Ferreira situado no município de Tavares, interior da Paraíba, Brasil.

A ideia era investigar como a escola de ensino infantil e fundamental “José Nascimento” vem se colocando frente ao processo de reconhecimento da comunidade em questão enquanto comunidade remanescente de quilombolas.

Nosso objetivo era averiguar como a identidade negra vem sendo trabalhada na referida escola, buscando analisar a contribuição da agência escolar para a reconstrução identitária dos alunos da comunidade citada.

Para concretização desse objetivo traçamos os seguintes objetivos específicos:

- a) Analisar as ideias e os valores que circulam no âmbito da escola sobre a identidade quilombola e seus derivados: negro, negritude, afro etc.;
- b) Identificar as formas pelas quais a escola vem trabalhando a questão da identidade quilombola
- c) Identificar a presença ou ausência, na escola, de discussões sobre a identidade étnica na sala de aula e no ambiente escolar.

Com relação ao primeiro objetivo específico identificamos que a escola José Nascimento tem trabalhado a questão da diversidade racial oferecendo elementos para que os educandos possam se repensar, valorizar e assumirem sua identidade racial.

Tal trabalho é realizado de diversas formas e mediante variados recursos didáticos tais como: literaturas pertinentes, cartazes, jornais, danças e também projetos didáticos pedagógicos, com destaque para o dia da consciência negra celebrado anualmente na segunda quinzena de Novembro.

Identificamos que a forma como a escola vem trabalhando a questão racial tem contribuído para o aumento na autoestima dos educandos.

É importante ressaltar que a comunidade do Domingos Ferreira encontra-se em processo de reconhecimento oficial enquanto comunidade remanescente de quilombos. Tal processo se dá pelo reconhecimento, valorização e a afirmação de uma identidade historicamente sufocada, afinal houve uma época que ninguém queria ser reconhecido como “remanescente de quilombos”. Atualmente tal processo vem sendo assumido e vivido como uma experiência de voltar as raízes, resgatando os traços culturais até então esquecidos, porque marginalizados (as tranças, o trabalho com o barro, os saberes tradicionais ligados a saúde e a doença etc.). Ao identificar e valorizar esses saberes presentes na própria comunidade a escola tem se colocado como partícipe desse processo.

Todavia, não obstante os avanços há ainda no âmbito escolar alguns desafios que serão necessário superar em vista a uma educação mais emancipatória no que diz respeito a diversidade racial, Dentre esses desafios destacamos: a formação de professores; o currículo escolar, com destaque para a grade curricular; e a alta rotatividade dos professores.

Lima, Maria do Socorro - Percepção dos alunos da Escola José Nascimento sobre a importância da escola para valorização da identidade negra.

REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, Luiz. **Quilombos – Comunidades Remanescentes**. Galante. Natal: Fundação Hélio Galvão N.17 – volume 03 – novembro/2006. Disponível in: http://www.cchla.ufrn.br/ppgas/arquivos/artigos/Comunidades_remanescentes_de_quilombos_no_RN.pdf

ALGARVE, Maria Aparecida. **Cultura negra na sala de aula: pode um cantinho de Africanidades elevar a autoestima de criança negras e melhorar o relacionamento entre crianças negras e brancas?** São Carlos – SP: UFSCar, 2005. Dissertação de Mestrado.

ATHAYDE, Celso; BILL, MV; SOARES, Luiz Eduardo. **Cabeça de porco**. Rio de Janeiro: objetiva, 2005.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1997.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 32. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. Coleção Primeiros Passos.

_____. **Educação popular na escola cidadã**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BRUYNE, Paul de. Et. ali. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais: os polos da pratica metodológica**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

CAVALLEIRO, Eliane dos S. CAVALLEIRO, Eliane dos S., Identificando o racismo, o preconceito e a discriminação racial na escola. In: Os Negros e a Escola Brasileira. LIMA, Ivan C., ROMÃO, Jeruse, SILVEIRA, Sônia M. (orgs.). Florianópolis. Nº. 6, Núcleo de Estudos Negros/NEN, 1999 .

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências Humanas e sociais**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

D'ADESKY, Jacques. **Racismos e anti-racismos no Brasil**; pluralismo étnico e multiculturalismo. Rio de Janeiro: Pallas, 2001

DEMO, Pedro. **Educar pela Pesquisa**. Campinas, SP: Autores Associados, 1997

DESCARTES, R. "Discurso do método". In: **Descartes** (Coleção os Pensadores). Trad. de J. Guinsburg e. Bento Prado Júnior. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

DURKHEIM, Emile. **As regras do método sociológico**. (Tradução: Pedro Nasseti). 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2008.

FREUD, S. **Escrito sobre psicologia do inconsciente**. V. III (Coordenação Geral da Tradução : Luiz Alberto Hanns; tradutores: Cláudia Dornbusch et al; Consultores da

Lima, Maria do Socorro - Percepção dos alunos da Escola José Nascimento sobre a importância da escola para valorização da identidade negra.

teoria da tradução João Azenha Junior e Susana Kampff Lages) Rio de Janeiro: Imago, 2007. Coleção Obras Psicológicas de Sigmund Freud.

FLEURI, R. M. (org.). **Educação Intercultural**: mediações necessárias. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GIDDENS, Anthony. **As Consequências da Modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GOMES, Nilma Lino. Educação e identidade negra. In: Aletria – **Revista de estudos de literatura. Alteridades em questão**. Belo Horizonte: POSLIT/CEL, Faculdade de Letras da UFMG, v. 6, n. 9, dez/2002.

_____. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão**. Texto Disponível em:
<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Alguns-termos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf>

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. **O Jogo das diferenças**: o multiculturalismo e seus contextos. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

GULLAR, Ferreira. **Melhores poemas de Ferreira Gullar**. (Seleção e apresentação Alfredo Bosi). 7. ed. São Paulo: Global, 2004. Coleção Melhores Poemas.

HALL, Stuart **A identidade cultural na pós modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. **Le stade du miroir comme formateur da la fonction du Je**. In: LACAN, J. *Écrits*. Paris: Seuil, 1966.

LEITE, Matheus de Mendonça Gonçalves. **A luta por reconhecimento dos direitos fundamentais das comunidades remanescentes de quilombos**. Disponível in:
<http://www1.pucminas.br/proex/arquivos/lutaquilombo.pdf>

LODY, R. G. da M. **Cabelos de Axé**: Identidade e resistência. Rio de Janeiro: Editora Senac Nacional, 2004.

LUDCKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária – EPU, 1986

MACLAREN, Peter. **A vida nas escolas**: uma introdução à Pedagogia Crítica nos fundamentos da educação. (Tradução de Lucia Pellanda Zimer *et. al.*). 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 1997.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas, 1992.

Lima, Maria do Socorro - Percepção dos alunos da Escola José Nascimento sobre a importância da escola para valorização da identidade negra.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. (Tradução: Luis Claúdio de Castro e Costa) São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MENESTRINO, Fátima Rosângela Padilha; SANTOS, Suely de Oliveira. **Reflexões sobre a construção da identidade afro-brasileira: negro ou moreno**. Disponível in: <http://revistas.unievangelica.edu.br/index.php/rem/article/view/33/34>

MUNANGA, Kabengele. **Diversidade na educação: reflexões e experiências**. Brasília: SEMTEC/MEC, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa (Org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 2. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: HUCITEC/ABRASCO, 1993

MINAYO, Maria Cecília de S; SANCHES, Odécio. **Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade?**. *Cad. Saúde Pública* [online]. 1993, vol.9, n.3, pp. 237-248. Disponível in: <http://www.scielo.org/pdf/csp/v9n3/02.pdf>.

OLIVEIRA, Fátima. **Ser negro no Brasil: alcances e limites**. *Estud. av.* [online]. 2004, vol.18, n.50, pp. 57-60. ISSN 0103-4014.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

SANTOS, Aretusa. **Identidade negra e brincadeira de faz de conta: entremeios**. Juiz de Fora-MG: UFJF. Dissertação de mestrado. Disponível in: <http://www.ufjf.br/ppge/files/2009/06/Aretusa-Santos.pdf>

SEMPRINI, Andrea. **Multiculturalismo**. Tradução de Laureano Pelegim. São Paulo: EDUSC, 1999.

SILVA, A. da.; BRANDIN, M. R. L. **Multiculturalismo e educação: em defesa da diversidade cultural**. *Diversa*, ano 1, n. 1, p. 51-66, jan./jun. de 2008.

SILVA, Marcelo Saturnino da. **Entre o bagaço da cana e a doçura do mel: migrações e as identidades da juventude rural**. Campina Grande: UFPB/PPGS, 2006. Dissertação de Mestrado. Mimeo.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SISS, Ahyas. **Afro-brasileiros, cotas e ação afirmativa: razões históricas**. Rio de Janeiro: Quartet, Niterói: PENESB, 2003

Lima, Maria do Socorro - Percepção dos alunos da Escola José Nascimento sobre a importância da escola para valorização da identidade negra.

TELLA, Marco Aurélio Paz. Estigma e desqualificação social dos negros em São Paulo e Lisboa. Ponto-e-vírgula. Revista de Ciências Sociais. Nº 3: 152-169, 2008.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa Ação**. São Paulo; Ed. Cortez.2004.

TRECCANI, Girólomo Domênico. Terras de quilombo: entraves do processo de titulação. Belém: Programa Raízes, 2006.

VALENTE, Ana Lúcia. **Educação e diversidade cultural**: um desafio da atualidade. São Paulo: Moderna, 1999

_____. **Ser negro no Brasil hoje**. 16. ed. São Paulo: Moderna, 1997.

Lima, Maria do Socorro - Percepção dos alunos da Escola José Nascimento sobre a importância da escola para valorização da identidade negra.

APÊNDICES

APÊNDICE I

QUESTIONÁRIO

1. Identificação:

Nome: _____ **Idade:** _____

Série que cursa? _____

Em relação a Etnia, como você se classifica? () Branco () Negro.

Outra? _____

2. Você se sente discriminado em sua cidade pela cor de sua pele?

3. (Se respondeu sim a questão anterior). Em que situações?

4. Em sua opinião, sua escola vem trabalhando a questão da identidade quilombola no Brasil e na sua cidade? Se sim, de que forma?

5. Em sua opinião o trabalho desenvolvido por sua escola, vem contribuindo para uma valorização da identidade quilombola? Justifique.

6. Como você avalia o trabalho que a escola vem fazendo sobre a identidade quilombola e se isso tem contribuído com o atual processo de auto reconhecimento de sua comunidade enquanto uma comunidade de remanescente de quilombos.

Lima, Maria do Socorro - Percepção dos alunos da Escola José Nascimento sobre a importância da escola para valorização da identidade negra.

APÊNDICE II

APÊNDICE B - TERMO DE COMPROMISSO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto: A percepção dos alunos da escola “José Nascimento” sobre a importância da escola para a valorização da identidade negra.

Pesquisadora Responsável: Maria do Socorro Lima

Instituição Proponente: Faculdades Integradas de Patos/Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Telefone para contato (inclusive a cobrar): 83 – 99619063 - 99243510

Caro/a Jovem ou responsável,

Você está sendo convidado/a para participar, como voluntário, em uma pesquisa. É de sua escolha decidir se quer participar ou não. Por favor, não se apresse a tomar a decisão. Leia cuidadosamente as informações que seguem e sinta-se livre para indagar a pesquisadora sobre qualquer dúvida que você tiver. Após sentir-se totalmente esclarecido(a), no caso de aceitar fazer parte deste estudo, assine ao final deste documento. Isso não lhe trará nenhum compromisso extra, além de colaborar com a pesquisa conforme lhe será explicado. É importante saber que em caso de recusa, você não será penalizado de nenhuma maneira.

A pesquisa pretende saber a percepção dos alunos da escola “José Nascimento” sobre a importância da escola para a valorização da identidade negra. Os principais objetivos da pesquisa são: averiguar como a identidade negra vem sendo trabalhada na escola municipal José Nascimento, no município de Tavares – PB, buscando analisar a contribuição da escola para a reconstrução identitária dos alunos em uma comunidade remanescente de quilombos.

Os objetivos específicos são os seguintes:

- d) Analisar as ideias e os valores que circulam no âmbito da escola sobre a identidade quilombola e seus derivados: negro, negritude, afro etc.;
- e) Identificar as formas pelas quais a escola vem trabalhando a questão da identidade quilombola

- f) Identificar a presença ou ausência, na escola, de discussões sobre a identidade étnica na sala de aula e no ambiente escolar.

Sua participação consiste em responder as perguntas de um questionário que lhe será entregue. Todos os dados informados serão analisados pela pesquisadora, posteriormente. Caso você sinta algum desconforto diante de alguma pergunta você poderá não responder. A pesquisadora lhe garante sigilo absoluto. Em nenhum momento sua identidade será relevada e os dados serão utilizados exclusivamente para fins acadêmicos.

Você não obterá nenhum benefício por participar deste estudo e, por outro lado, a pesquisa não ameaça nem produz riscos à sua integridade física ou mental, emocional, cultural ou patrimonial e, por isso, não prevê ressarcimentos ou indenizações. Em qualquer etapa do estudo você terá acesso a pesquisadora responsável pela pesquisa para esclarecimentos de eventuais dúvidas e também em qualquer época você poderá retirar seu consentimento. Desde já, a pesquisadora agradece imensamente sua participação.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, RG n.º _____, abaixo assinado, concordo em participar, como sujeito do estudo apresentado. Fui suficientemente informado a respeito do que li, descrevendo o estudo, bem como sobre os compromissos da pesquisadora sobre os aspectos expostos e tenho claro que não terei benefícios, nem prejuízos com a minha decisão tanto de participar, quanto de desistir da participação, em qualquer tempo. Assim sendo, declaro consentir em participar da pesquisa solicitada, nos termos postos.

Tavares

—

PB,

Assinatura legível do sujeito ou responsável